



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Vânea Maria Barreto Kaiser

REPRESENTAÇÕES DE 'GINGAS' NA CONTEMPORANEIDADE

LITERATURA, CULTURA E MÉDIA

**Dissertação de Mestrado em Literatura de Língua Portuguesa, orientada
pela Professora Doutora Doris Wieser, apresentada ao Departamento de
Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade
de Coimbra.**

Setembro de 2023

FACULDADE DE LETRAS

REPRESENTAÇÕES DE 'GINGA' NA CONTEMPORANEIDADE LITERATURA, CULTURA E MÉDIA

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Dissertação
Título	Representações de 'Ginga' na contemporaneidade
Subtítulo	Literatura, Cultura e Média
Autor/a	Vânea Maria Barreto Kaiser
Orientador/a(s)	Profa. Doutora Doris Wieser
Júri	Presidente: Doutor/a Maria João Simões
	Vogais:
	1. Doutor/a Jessica Falconi
	2. Doutor/a Doris Wieser
Identificação do Curso	2º Ciclo em Literatura de Língua Portuguesa
Área científica	Literaturas Africanas de Língua Portuguesa
Especialidade/Ramo	
Data da defesa	17-10-2023
Classificação	16

1 2 9 0



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Dedico este trabalho à memória do meu filho Bruno que sempre está comigo no meu coração e que certamente me ajudou a escrever quando os meus olhos estavam molhados cheios de saudades dele.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me dado força e foco para que eu pudesse terminar este trabalho em um momento tão difícil para mim e minha família.

Aos meus pais, Neiva e Virgilino, que foram a minha base.

Ao meu marido, Ubirajara, que sempre me incentivou a estudar, a querer aprender e sempre me deu condições para isto. E ao meu filho, Lucas, que também me incentiva em tudo e não me deixa desistir de continuar aprendendo e de evoluir. Sem vocês ao meu lado, eu não teria perseverado.

À minha professora orientadora, Doris Wieser, o meu especial agradecimento pelos ensinamentos que levo para a minha vida e pelo apoio e por compreender o meu momento.

Aos meus amigos: Solange, Juliana, Tânia, Jurema, Max, Valéria, Neiva, Vanda e à minha nora Camille, o carinho de vocês foi essencial para mim.

Por último, mas não menos importante, agradeço à Lara e ao Elton John, meus filhos de quatro patas, por todo o amor incondicional que me dão.

RESUMO

Unir literatura e história é um caminho eficiente para tornar conhecidas personagens históricas e culturas. Assim sendo, este trabalho dá a conhecer um pouco mais sobre a personagem histórica Rainha Ginga (século XVII) e sua luta pelo Ndongo, hoje Angola. O objetivo principal é analisar os aspectos sociais e culturais vividos pelas personagens femininas nos romances históricos *A rainha Ginga: e de como os africanos inventaram o mundo* (2014), de José Eduardo Agualusa, e *A gloriosa família: o tempo dos flamengos* (1997), de Pepetela. A partir disto, pretendo descobrir reverberações da rainha angolana em outras produções culturais não somente angolanas, como também nas artes visuais, no carnaval e em episódios reais da vida política e social na sociedade contemporânea. Este corpus heterogéneo é abordado através da perspectiva dos Estudos Culturais. Por fim, com todos os objetivos alcançados, será possível revisitar a história da soberana angolana e sua luta contra o colonialismo português. A Rainha Ginga é uma mulher marcante para a história do povo angolano, assim como para todas as mulheres afrodescendentes ao redor do mundo.

Palavras-chave: Literatura, História, Rainha Ginga, Estudos Culturais, Contemporaneidade.

ABSTRACT

Combining literature and history is an efficient way to make historical characters and cultures known. So this work reveals a little more about the historical character Rainha Ginga (17th century) and her fight for Ndongo, today's Angola. The main objective is to analyze the social and cultural aspects experienced by the female characters in the historical novels *A Rainha Ginga: e de como os africanos inventaram o mundo* (2014), by José Eduardo Agualusa, and *A gloriosa Família: o tempo dos flamengos* (1997), by Pepetela. From this, we discover reverberations of the Angolan queen in other cultural productions, not only Angolan, but also in the visual arts, in carnival and in real episodes of political and social life in contemporary society. This heterogeneous corpus is approached through the perspective of Cultural Studies. Finally, with all objectives achieved, it will be possible to revisit the story of the Angolan sovereign and her fight against Portuguese colonialism. Queen Ginga is a remarkable woman in the history of the Angolan people, as well as for all women of African descent around the world.

Keywords: Literature, History, Queen Ginga, Cultural Studies, Contemporaneity.

Índice

1. Introdução.....	1
2. Aspectos sociais no romance <i>A rainha Ginga: E de como os africanos inventaram o mundo</i> , de José Eduardo Agualusa, e <i>A gloriosa família: o tempo dos flamengos</i> , de Pepetela	9
2.1. O patriarcado.....	9
2.2. A escravidão.....	13
2.3. O racismo.....	16
2.4. A interseccionalidade.....	20
3. A Rainha Ginga representada nas obras.....	24
3.1. <i>A Rainha Ginga. E de como os africanos inventaram o mundo</i> , de José Eduardo Agualusa.....	24
3.2. A Rainha Ginga de Pepetela.....	27
4. A influência de Ginga nas personagens das obras: <i>A Rainha Ginga</i>, de José Eduardo Agualusa, e <i>A gloriosa família</i>, de Pepetela.....	33
4.1. Henda e Muxima, personagens de Agualusa.....	33
4.2. Matilde e Angélica Ricos Olhos, personagens de Pepetela.....	36
5. As ‘rainhas Gingas’ de outros países africanos, casos históricos.....	44
5.1. Nandi Ka Bhebhe, rainha-mãe do reino Zulu.....	44
5.2. Ranavalona I, rainha do reino de Imerina.....	45
5.3. Yaa Nana Asantewaa, rainha da nação Ashanti de Gana.....	47
5.4. Amina, rainha de Zazzau.....	49
6. As ‘rainhas Gingas’ dos séculos XX e XXI.....	51
6.1. As ‘rainhas Gingas’ no cinema, a sétima arte.....	51
6.2. As ‘rainhas Gingas’ no Carnaval Brasileiro.....	54
6.3. As ‘rainhas Gingas’ na política: Michelle Obama e Kamala Harris.....	63
6.4. As ‘rainhas Gingas’ em concursos de beleza.....	65
7. Considerações finais.....	70
Bibliografia.....	74

1. Introdução

Quando escolhi o Mestrado em Literatura de Língua Portuguesa, tinha em mente meu conhecimento em literatura brasileira e portuguesa que havia estudado na graduação. Para minha surpresa, deparei-me com a cadeira de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e logo pensei: “é esta que quero fazer”, pois não havia estudado nada ainda sobre a literatura do continente africano até então. E neste meu primeiro contato com as literaturas africanas fui descobrindo um outro mundo, um mundo de personagens femininas e fortes como a Rainha Ginga. Senti que queria falar sobre estas mulheres, trabalhar também sobre a sua representação na atualidade, pois percebo e compartilho a necessidade de difundirmos estas histórias de mulheres negras que fizeram a diferença numa época quando as mulheres quase não tinham direitos, nem voz, nem vez. Será que algo mudou substancialmente desde a época da Rainha Ginga? A Rainha Ginga é uma personagem histórica cada vez mais conhecida e reconhecida pela sua luta a favor de seu povo. O fato de a sua história ter chegado até a atualidade não é por acaso. Contudo, percebo que há muito na história da Rainha Ginga a ser lembrado, reinterpretado e disseminado ainda.

Outro aspecto que chamou a minha atenção foi o fato de eu não saber ou conhecer outra rainha negra. Lembro-me de Cleópatra, rainha do Egito, contudo representada como personagem branca no cinema¹. Isto levou-me a pensar na Rainha Ginga e seu legado, não só na literatura, como também em outras produções culturais que observam e registram o desenvolvimento da sociedade. Além disto, instigou-me a procurar outras rainhas negras, africanas, e a questionar a sua presença ou ausência na memória das respectivas sociedades.

A seguinte investigação, fruto desse interesse meu, centra-se em romances históricos angolanos sobre a Rainha Ginga, na repercussão desta personagem noutras produções culturais (não apenas angolanas) e em episódios reais da vida política na sociedade contemporânea. Abordarei este corpus heterogêneo através da perspectiva dos Estudos Culturais. Esta dissertação tem como objetivo principal analisar os aspectos sociais e culturais vividos pelas personagens femininas nos romances históricos *A rainha Ginga: e de como os africanos inventaram o mundo* (2014), de José Eduardo Agualusa, e *A gloriosa família: o tempo dos flamengos* (1997), de Pepetela (capítulos 2, 3 e 4). Abordará ainda, outros exemplos de rainhas africanas, a modo de comparação (capítulo 5) e questionará como os aspectos socioculturais previamente analisados se refletem nas sociedades dos séculos XX e XXI (capítulo 6).

¹ Filme Cleópatra (1963) do diretor Joseph L. Mankiewicz

A seguir, apresentarei de maneira concisa e introdutória: a) as características básicas do romance histórico e a sua relevância em África; b) o percurso e o tempo da Rainha Ginga; c) os dois romances que são objeto de estudo nos capítulos 2-4, bem como as personagens históricas que serão discutidas nos capítulos 5 e 6; d) a metodologia dos Estudos Culturais.

O romance histórico surge como gênero literário no século XIX, no Romantismo e Iluminismo Europeu, na obra de Walter Scott (1771-1832), escritor escocês, que cria um modelo de narrativa histórica, frequentemente usado como ponto de comparação aquando o estudo de romances históricos mais recentes e/ou de outras geografias. Scott é considerado o criador do romance histórico. Suas obras *Waverly* (1814) e *Ivanhoé* (1819) são romances ambientados na Idade Média inglesa e escocesa que exaltavam o passado, característica própria do Romantismo.

O romance histórico é um gênero híbrido que mistura narração histórica e ficcional. Segundo H. Müller pode-se definir romance histórico como

[...] una construcción perspectivista estéticamente ordenada de situaciones documentables a caballo entre la ficción y la referencialidad, construcción dirigida por un determinado autor a un determinado público en un determinado momento. (apud SPANG, 1995, p. 85).

Na maioria dos casos a história principal do romance histórico é fictícia e apresenta personagens ficcionais, que se inserem no contexto histórico proposto. No modelo scottiano, o herói é um personagem ficcional, que pode fazer parte de uma peripécia amorosa, tendo um final feliz ou trágico. O enredo ficcional é a história principal do romance e o contexto histórico é o plano de fundo, elaborado de forma verossímil. As questões básicas da trama, dos conflitos e das consequências, resultam da relação e interação entre os personagens históricos (ficcionalizados) e os personagens ficcionais até o final da história. O herói scottiano é mediano, representa uma pessoa do povo, que produz um efeito de verossimilhança. Segundo Lukács,

[n]o romance histórico, portanto não se trata do relatar contínuos grandes acontecimentos históricos, mas do despertar ficcional dos homens que o protagonizam. Trata-se de figurar de modo vivo as motivações sociais e humanas a partir das quais os homens pensaram, sentiram e agiram de maneira precisa, retratando como isso ocorreu na realidade histórica. (LUKÁCS, 2011, p. 59).

Portanto, seguindo o pensamento de Lukács, um dos grandes objetivos do romance histórico consiste em tornar compreensível, na ficção, o comportamento humano de outras épocas, ao explicá-lo dentro de determinadas circunstâncias sociais. O romance histórico não busca reproduzir a história real, contudo a ficção serve-se destes acontecimentos e personagens históricos como referência extratextual para “um estudo da forma como os elementos históricos, enquanto estratégias narrativas, se encontram ao serviço da construção da própria narrativa” (PUGA, 2006, p. 56).

O romance histórico foi um subgênero muito importante para a literatura africana desde seu início. O primeiro romance histórico africano foi *Chaka*, de Thomas Mofolo (do Lesoto), que só foi publicado completo em 1925 e versa sobre o chefe da nação Zulu. Outro romance histórico de relevo, no panorama africano, é *The healers*, do ganês Ayi Armah (1978). Esses romances narram eventos específicos sobre a história africana, no entanto, Keith Booker afirma que o romance africano “as a whole, is more intensively engaged with politics and history” (BOOKER, 2009, p. 141).

O romance africano reagiu ao fenômeno da descolonização política com a qual surgiu a necessidade de fazer um romance que narre a história e contribua para a construção da identidade cultural pós-colonial das nações africanas.

[T]he African novel itself received a tremendous injection of energy from the historical phenomenon of decolonization, which infused that novel with a sense of historical urgency and a desire to contribute to the construction of viable postcolonial cultural identities for the new African nation. (BOOKER, 2009, p. 141).

Cabe lembrar que os Estados, em África, são produto das fronteiras que foram traçadas pelas potências coloniais após a Conferência de Berlim, de 1884/85, e que, portanto, não existia uma ideia orgânica de nação nestes territórios. O sentido de pertença aos novos Estados-Nações independentes teve que ser construído. A literatura é um elemento que contribui para este processo de construção da nação, mas também o interroga criticamente.

Os romances históricos de Agualusa e Pepetela se baseiam na personagem histórica africana Njinga Mbandi e revivem os fatos acerca do período da presença tanto dos portugueses quanto dos holandeses em Luanda, no século XVII. E de acordo com a historicidade da época criam seus enredos e seus personagens ficcionais para repensarmos, recordarmos aquele momento histórico e para que possamos compreender, na ficção, o que movia as pessoas da época.

Njinga Mbandi, Ginga² (1582–1663), era filha do rei Quilombo Quiacasenda (1592-1617) e de sua escrava concubina ambundo, Guenguela Cacombe, com quem teve três filhas e dois filhos. Quando o pai se tornou o primeiro rei do Ndongo, que foi um Estado pré-colonial africano na atual Angola, após a emancipação do Kongo, Ginga tinha dez anos e era a filha favorita dele. Sabendo que a filha não poderia ser herdeira do trono, deu-lhe um treinamento nas artes militares e na política: “A rainha Njinga foi iniciada pelo seu pai, tendo sido introduzida no mundo dos segredos clânicos e nos segredos dos adultos” (KWONONOKA, 2014, p. 61). Com a morte do rei, o irmão de Ginga torna-se o novo soberano ambundo, Ngola Mbandi. Contudo o novo rei enfrentou guerras avassaladoras não só contra os portugueses, mas também contra os povos africanos que se aliaram aos portugueses e enfraqueceram seu reinado, o que levou o rei a se esconder em uma ilha no rio Kwanza. Em 1622, ocorrem negociações de paz e Ngola Mbandi pede a sua irmã Ginga que vá a Luanda como embaixadora para negociar com o governador português, José Correia de Sousa (1621-1623). Ginga, na altura da embaixada de Luanda, “converteu-se ao cristianismo na esperança de ser tratada ao mesmo nível dos dirigentes europeus com quem deveria negociar” (SERBIN, 2014, p. 164). Tornou-se dona Ana de Sousa, “o fato passou a ser reconhecido como um tipo de estratégia dela na relação de conflito e aliança com os portugueses” (PANTOJA, 2014, p. 129).

Em 1624, morre o rei Ngola Mbandi, assassinado pela própria Ginga que confessa antes de morrer que “envenenara o irmão e o sobrinho em 1624 com o intuito de alcançar ao poder” (PINTO, 2015, p. 322), e deste modo Ginga “assumiu definitivamente as rédeas do poder e de defesa do seu território e dos territórios vizinhos, que alguns reis africanos pretendiam entregar aos portugueses em troca de paz” (MALUMBO, 2014, p. 82), tornando-se a Rainha Ginga. “Durante o resto do seu reinado, de 1624 a 1663, Nzinga esforçar-se-ia por recuperar a hegemonia de Ndongo e limitar o poder português na região...” (HEYWOOD, 2018, p. 68). Segundo a historiografia, a Rainha Ginga fez aliança “com os Imbangala que controlavam a Matamba [...] desposando o seu chefe, o chamado Jaga” (PINTO, 2015, p. 323), e assim conseguiu o domínio pleno da região. Também “efectuou diligências notáveis junto das principais chefias africanas incompatibilizadas com os Portugueses, conseguindo(...) liderar a maior coligação de Estados angolanos do século XVII” (PINTO, 2015, p. 331). Ela não hesita em se aliar aos holandeses pois, como explica na ficção de Agualusa, “para vencer

² O nome da rainha pode se encontrado com diferentes grafias: Ginga, Jinga e Njinga. Optamos por usar a grafia Ginga, embora respeitando a grafia dos autores nas citações.

os portugueses é preciso que nos tornemos amigos dos seus inimigos” (AGUALUSA, 2018 p. 106). A guerreira determinada em lutar pelo seu povo, morre em 1663.

A história da Rainha Ginga no romance de José Eduardo Agualusa é narrada por um personagem ficcional, um padre pernambucano que vai desempenhar o cargo de secretário e conselheiro de Ginga a mando do governador português, Luís Mendes de Vasconcelos, como forma de Portugal e a Igreja ficarem a par do que acontece neste território tão importante para eles, tendo em vista também a invasão e a ocupação de Luanda pela Companhia Holandesa das Índias Ocidentais em meados do século XVII. Contudo, à medida que o padre ganha a confiança de Ginga, tornando-se seu tradutor, lendo e escrevendo suas cartas, o mesmo atravessa um processo de aculturação, que vai levá-lo a abandonar o sacerdócio e também a sua lealdade com Portugal: “Eu traíra os meus, conquanto nunca os tivesse sentido como meus, senão que com eles partilhava a língua e a fé em Nosso Senhor Jesus Cristo” (AGUALUSA, 2018 p. 68). E é assim que o narrador presencia e relata a luta de Ginga para ser reconhecida como rei/rainha de seu povo e sua luta contra os portugueses.

O romance *A gloriosa família: o tempo dos flamengos*, do escritor angolano Pepetela narra, como o próprio título indica, um fato específico da história de Angola: a ocupação holandesa, representada pela Companhia das Índias Ocidentais, em Luanda, durante sete anos, de 1641 a 1648. Os conflitos, que são narrados por um mulato, mudo, escravo pessoal de um comerciante de escravos, giram em torno da família Van Dum, composta por Baltazar Van Dum (holandês), D. Inocência (angolana) e os onze filhos de Baltazar (três deles filhos de escravas). A figura da Rainha Ginga percorre toda a narrativa de forma indireta, não presencial. Ela não é um personagem, mas é referida sempre marcando intencionalmente seus feitos e atitudes para defender seu povo.

Os dois romances citados podem ser classificados como romances históricos. À volta de personagens históricos e fatos históricos – a Rainha Ginga, a colonização portuguesa e a invasão holandesa em Angola no século XVII – Agualusa e Pepetela criam outros personagens ficcionais e narram as suas histórias sobre aquele momento histórico retratando também os conflitos e costumes da sociedade daquela época. Em ambos os romances, à semelhança do modelo scottiano, a Rainha Ginga e outros personagens históricos ocupam apenas o lugar de personagens secundários, sendo os personagens ficcionais os protagonistas.

A análise e interpretação dos romances apoiar-se-ão em textos de Kurt Spang e György Lukács sobre o romance histórico, de Frantz Fanon e Albert Memmi sobre o racismo em contextos coloniais, de Stuart Hall, Ana Carolina Escosteguy e Margarida Morgado sobre Estudos Culturais e numa série de artigos sobre a figura histórica, literária e cultural da

Rainha Ginga (de Mário César Lugarinho, Moisés Malumbo, Selma Pantoja, Silvia Serbin e Doris Wieser).

É intenção deste trabalho também destacar “as Gingas” – rainhas de outras regiões da África – nominalmente: Nandi Ka Bhebhe, rainha-mãe do reino Zulu; Ranavalona I, rainha do reino de Imerina; Amina, rainha de Zazzau (Zaria – Nigéria); Yaa Nana Asantewaa, rainha da nação Ashanti de Gana, bem como seguir os rastros deixados na história para lembrá-las como monumentos, fotos, filmes cinematográficos, pois não podemos esquecer dos seus ensinamentos e suas lutas.

A atualidade faz parte deste trabalho igualmente, assim sendo, “as Gingas” do século XXI não poderiam deixar de serem valorizadas. Usaremos o nome Ginga de forma metafórica para falar de mulheres negras em posições de poder e de destaque social e cultural. Destacamos algumas: no carnaval, festa popular brasileira, Clementina de Jesus, reconhecida e apelidada de Rainha Ginga pela sua importância e grandeza na história do samba. Na política, Michelle Obama, primeira afrodescendente como primeira-dama dos EUA. E Kamala Harris, primeira mulher negra vice-presidente dos EUA e presidente interina dos EUA por 1h e 25 min no dia 19/11/21. Em concursos de beleza, Deise Nunes, primeira Miss Brasil negra (1986) e Janelle Commissiong Chow, primeira Miss Universo negra (1977).

O trabalho está dividido em sete partes: a primeira parte corresponde a esta introdução; na segunda parte serão apresentados os aspectos sociais focalizados em algumas personagens femininas destes romances históricos. Na terceira parte, optamos por caracterizar separadamente a representação da Rainha Ginga nos diferentes romances, visto que a percepção que temos da personagem Ginga nas obras citadas são diferentes. No texto de Agualusa conhecemos mais a mulher, a mãe, a guerreira, a Rainha Ginga, já no texto de Pepetela ela é vista somente como a guerreira, a rainha, refletindo os momentos históricos. Ginga permeia os dois textos com sua força e luta contra a subjugação dos portugueses. Na quarta parte, mostraremos a influência de Ginga nas personagens femininas: Henda e Muxima do romance de Agualusa e Matilde e Angélica Ricos Olhos de Pepetela. Na quinta parte, destacaremos algumas “rainhas Gingas” – outras rainhas negras do continente africano- na história de outros países africanos. Na sexta parte, focalizaremos algumas representações da Rainha Ginga invocando as “rainhas Gingas” do século XXI, mulheres no palco político internacional que enfrentam experiências semelhantes às da Rainha Ginga do Ndongo, e mulheres em diferentes meios culturais como no cinema e nas festas populares. Na sétima parte, concluiremos toda esta trajetória marcante da Rainha Ginga do século XVII ao século

XXI, uma personagem histórica que marcou com suas características pessoais e atitudes à frente de sua época a história de Angola.

Uma vez que este trabalho pretende analisar a personagem Rainha Ginga a partir da historiografia e da ficção e conhecer as “Gingas” – feitas metáfora - na atualidade, trabalharei com base numa perspectiva dos Estudos Culturais. O E-Dicionário de termos literários define como a

[...] disciplina que se ocupa do estudo dos diferentes aspectos da cultura, envolvendo, por exemplo, outras disciplinas como a história, a filosofia, a sociologia, a etnografia, a teoria da literatura, etc. Trata-se de uma disciplina acadêmica, cujas origens é possível determinar, sendo habitual ligar essa origem ao próprio desenvolvimento do pós-modernismo e às suas celebrações contra a alta-cultura e as elites sociais, aos seus debates sobre multiculturalismo que têm tido particular expressão nos Estados Unidos, à sua ênfase nos estudos sobre: pós-colonialismo, que ajudaram a criar uma nova disciplina dentro dos Estudos Culturais ... (CEIA, 2009).

Os Estudos Culturais surgem com a fundação do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS) por Richard Hoggart em 1964. O Centro nasce ligado ao English Department da Universidade de Birmingham, constituindo-se num centro de pesquisa de pós-graduação da mesma instituição, que vai se preocupar com as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade. Hoggart contribui para os Estudos Culturais com seu texto “em parte autobiográfico e em parte história cultural do meio do século XX” (ESCOSTEGUY, 2008, p. 27), que mostra as relações sociais básicas de uma sociedade. Outros dois nomes também são importantes para a fundação dos Estudos Culturais: Raymond Williams, E. P. Thompson. O primeiro “constrói um histórico do conceito de cultura, culminando com a idéia de que a ‘cultura comum ou ordinária’ pode ser vista como um modo de vida em condições de igualdade de existência com o mundo das Artes, Literatura e Música” (ESCOSTEGUY, 2008, p. 27). Já o segundo “reconstrói uma parte da história da sociedade inglesa de um ponto de vista particular - a história ‘dos de baixo’” (ESCOSTEGUY, 2008, p. 28).

Mais tarde Stuart Hall teve também uma importante participação na formação dos Estudos Culturais britânicos, não como fundador, mas quando substituto de Hoggart na presidência do centro (de 1968 a 1979) incentivando

o desenvolvimento da investigação de práticas de resistência de subculturas e de análises dos meios massivos, identificando seu papel central na direção da sociedade; exerceu uma função de “aglutinador” em momentos de intensas distensões teóricas e, sobretudo, destravou debates teórico-políticos, tornando-se um “catalizador” de inúmeros projetos coletivos. (ESCOSTEGUY, 2008, p. 29).

Com base nos estudos culturais estabeleceremos um diálogo restrito com a historiografia para a análise dos romances históricos de Pepetela e Agualusa. Além do que também observaremos outros produtos culturais como filmes, monumentos, notícias de jornais sobre acontecimentos políticos que se referem à Rainha Ginga e às “rainhas Gingas”. Não poderíamos deixar de ressaltar também a presença da história da Rainha Ginga no Carnaval, um elemento da cultura popular brasileira.

2. Aspectos sociais no romance *A rainha Ginga: E de como os africanos inventaram o mundo*, de José Eduardo Agualusa, e *A gloriosa família: o tempo dos flamengos*, de Pepetela

2.1. O patriarcado

Patriarcado, em sua definição mais ampla, significa a manifestação e institucionalização da dominância masculina sobre as mulheres e crianças na família e a extensão da dominância masculina sobre as mulheres na sociedade em geral. A definição sugere que homens têm o poder em todas as instituições importantes da sociedade e que as mulheres são privadas de acesso a esse poder. (LERNER, 2019, p. 395).

Os dois romances trabalhados retratam uma sociedade patriarcal. Agualusa leva-nos ao sudoeste da África no século XVII para conhecermos a lendária Rainha Ginga (1583-1663), personalidade da história africana que, com suas qualidades diplomáticas, sua inteligência e valentia, enfrenta o governo português para libertar seu povo da escravidão e do domínio de Portugal. Grande estrategista militar e política, torna-se rainha do Dongo (1624-1626) e de Matamba (1631-1663). Após a morte de seu irmão, o rei Ngola Mbandi, Ginga enfrenta a oposição da aristocracia do povo ambundo que não a considerava suficientemente nobre para ser a rainha, pois ela era filha do rei com uma escrava concubina. E também pelo fato de ser incabível uma mulher no trono, tanto pelos interesses do governo português quanto para a:

África bantu [onde] não era comum uma mulher, em sociedades tipicamente machistas, embora matrilineares e gerontocráticas, uma mulher com intrepidez, sagacidade, capacidade diplomática e sem preconceitos feministas, dirigir um Estado, papel reservado aos homens e aos mais velhos, ligados ao sangue, valor ou da descendência real. (Kwononoka, 2014, p. 60).

Apresentarei a seguir elementos dos romances que evidenciam que os autores retratam a sociedade ambundo do século XVII como uma sociedade profundamente patriarcal no sentido de Lerner.

Abordarei, por um lado, a expressão de gênero de Ginga como estratégia de se impor neste contexto patriarcal (em ambos os romances) e, por outro, o percurso de Matilde (do romance de Pepetela) que, por sua vez, desenvolve estratégias para libertar-se das limitações que o patriarcado lhe impõe.

Quando, no romance de Agualusa, o pai de Ginga morre e seu irmão, Ngola Mbandi, se torna rei, é para Ginga que este pede conselhos e ajuda devido aos conflitos com os portugueses.

Ginga discutia em voz alta com o irmão, como se com ele partilhasse a mesma vigorosa condição de macho e de potentado. Já na altura não admitia ser tratada como fêmea. E era ali tão homem que, com efeito, ninguém a tomava por mulher. (AGUALUSA, 2018, p. 19).

O rei, seu irmão, reconhece as qualidades de Ginga e pede à irmã para ir como sua embaixadora em Luanda para negociar em seu nome a paz com Portugal, e envia uma carta ao governador Luís Mendes de Vasconcelos. “Solicitava o rei que aquela poderosa autoridade recebesse em Luanda uma embaixadora sua, à cabeça da qual iria a irmã mais velha, Ginga, que tinha por conselheira preciosa.” (AGUALUSA, 2018, p. 21).

Ngola Mbandi morre, segundo alguns “o rei fora envenenado pela irmã” (AGUALUSA, p. 54). Ginga assume o poder, embora com forte oposição de alguns macotas (mais-velhos), que queriam ver o filho de Ngola Mbandi, mesmo sendo ainda uma criança, no lugar dela. Para ser aceita como Ngola, Ginga assume uma postura mais masculina “agora a rainha Ginga, ou melhor rei Ginga, porque assim exigia ser tratada” (AGUALUSA, p. 54), também começa a vestir-se “à maneira de um homem, como rei que se arvora ser, tão macho quanto os demais, ou mesmo mais, e armada de arco e flechas” (AGUALUSA, p. 67).

De acordo com estudos historiográficos, para melhorar a relação com Portugal, Ginga aceita ser batizada e recebe o nome de Ana de Sousa, “fazer-se baptizar, Ginga realizou simplesmente um acto político que tinha como objetivo único tornar-se credível diante dos portugueses e conseguir, deste modo, negociar com eles em pé de vantagens de credibilidade.” (MALUMBO, 2014, p. 83). A Rainha Ginga tenta reatar o acordo de paz com os portugueses, mas “apesar de sua aparente atitude conciliatória, em início de 1626, o governador de Luanda, Fernão de Sousa (1624-1630), na sua correspondência com o rei português, informava que “Dona Ana continua a colocar a conquista da região em perigo”. (PANTOJA, 2014, p. 132).

Segundo a historiografia, a Rainha Ginga não mede esforços para atingir seus objetivos de proteger seu povo contra os portugueses, “sua luta por manutenção da autonomia de seu reino e por posições melhores nas redes mercantis locais foram obstáculos sérios às políticas portuguesas...” (PANTOJA, 2014, p. 118). Ginga, assim, alia-se aos jagas, homens considerados brutos e cruéis, casa-se com o poderoso soba dos jagas, Caza Cangola, e faz

aliança também com os holandeses. “Nzinga foi a única estratégia militar a esse nível, totalmente senhora das decisões e tendo ao seu activo um inigualável palmarés em matéria de combates militares.” (SERBIN, 2014, p. 161). Wieser, resume a nossa admiração pela figura da Ginga,

O grande fascínio desta personagem emana provavelmente do facto de ela ter sido capaz de impor-se no trono como mulher num contexto supostamente patriarcal, de ter sido uma diplomata audaz (“apesar” de mulher), mas também uma guerrilheira violenta que, aos olhos dos testemunhos portugueses da época, apresentava características “viris”, escandalosas para uma mulher, entre elas a sua suposta promiscuidade. Outro “escândalo” é o seu canibalismo “apesar de” ter sido batizada e ter-se convertido ao catolicismo. (WIESER, 2017, p. 32).

O narrador do romance de Pepetela também lembra que a rainha “de facto detesta que a tratem assim, pois ela diz é rei, porque só o rei manda, e ela não tem nenhum marido que mande nela, ela é que manda nos muitos homens que tem no harém e que chama de minhas esposas. É Rei Jinga Mbandi e acabou” (PEPETELA, 2000, p. 23).

O narrador do romance de Agualusa também descreve a rainha: “Encontrei-a vestida à maneira de um homem, como rei que se arvora ser, tão macho quanto os demais, ou mesmo mais, e armada de arco e flecha” (AGUALUSA, 2018, p. 64). E também menciona o harém da Rainha Ginga: “mantinha um serralho, à maneira dos sultões turcos, colecionando fidalgos da sua corte, aos quais obrigava a trajar como se fossem fêmeas” (AGUALUSA, 2018, p. 87). Entretanto a Rainha Ginga casa-se com um poderoso jaga, Caza Cangola, pois “convinha-lhe o poder e a audácia dos jagas” para enfrentar os portugueses (AGUALUSA, 2018, p. 86).

Voltando ao que nos diz a historiografia, a Rainha Ginga não teve uma vida fácil, para atingir seus objetivos precisou tomar decisões difíceis como mandar “decapitar os seus conterrâneos e parentes que se estavam a render aos portugueses e o facto de ter mandado envenenar seu irmão” (MALUMBO, 2014, p. 83), quando este cogitou ceder aos portugueses. Foram decisões difíceis de tomar e também difíceis de serem aceitas por qualquer sociedade, contudo “politicamente compreensíveis” (MALUMBO, 2014, p. 83). Todavia, foram estas atitudes de uma mulher forte que a levaram a ser “popularmente aclamada rainha pelo seu povo” (MALUMBO, 2014, p. 83).

Com certeza a Rainha Ginga não tem nada da pretensa fragilidade das mulheres em sociedades patriarcais, mas é justamente esta sua força, além da sua inteligência e astúcia, que a leva a ser tão admirada por quem conhece sua história de vida.

Tanto Agualusa quanto Pepetela retratam em suas ficções a sociedade patriarcal do povo ambundo onde, de acordo com suas normas de sucessão, Ginga não teria os requisitos para ser rainha. Contudo, apresentam Ginga como uma guerreira incansável, tendo suas habilidades e inteligência reconhecidas pelos portugueses e holandeses. É sabidamente a conselheira de um rei inapto e o representa eficientemente, conseguindo se impor diante de poderosos. Mesmo assim o que prevalece é o domínio dos homens, pois só eles costumam ter poder, e são ouvidos e respeitados na sociedade patriarcal, não só dos ambundos, mas também dos europeus. Os dois autores conseguem nos mostrar que a Rainha Ginga, para ser reconhecida, precisa se comportar como um homem, isto é, exige ser tratada de rei e veste-se como um rei. Só assim consegue impor-se e vencer todos seus inimigos.

Em *A gloriosa família*, Pepetela cria a personagem Matilde Van Dum, uma mulher além do seu tempo, decidida, com poderes sensitivos e premonitórios aguçados, “aquela mulatinha redondinha de carnes e de malandros olhos azuis era apeteçada por todos os homens da cidade” (PEPETELA, 2000, p. 48). Contrariamente ao comportamento previsto para mulheres em sociedades patriarcais, é Matilde que escolhe seus parceiros, seus amores, tomando a iniciativa, não importando se era um padre e mais velho que ela, “Devia ser ele a tomar a iniciativa, era mais velho e sobretudo era homem. Mas tímido de mais. Soltei-me, disse ela, atirei tudo para o ar, nem queria saber o que ele podia pensar” (PEPETELA, 2000, p. 50).

Apesar de o lugar tradicional das mulheres ser o espaço privado, em que cuidam do marido e das crianças, Matilde quer saber sobre a vida pública, a política, e dá opiniões: “Das mulheres da casa, só Matilde era capaz de entrar em conversas de homem. Bela, rechonchudinha e muito atrevida, ficava de olhos azuis brilhantes quando certos temas eram atirados a mesa” (PEPETELA, 2000, p. 26). A filha de Van Dum não se comportava como as outras mulheres que se colocavam em grupos afastadas dos homens. Matilde age livremente, “estava no meio de uma roda de oficiais malufos, treinando o flamengo que aprendera com o pai” (PEPETELA, 2000, p. 103). A filha de Van Dum é “faladora e sempre a rir, amando a vida, inteligente nas conversas de homens, sem vergonhas” (PEPETELA, 2000, p. 176).

O personagem Rodrigo, do romance de Pepetela, irmão de Matilde, dá continuidade ao pensamento patriarcal quando refere que Matilde envergonha a família, e diz que ela “é uma devassa [...] é pior que as hereges”. (PEPETELA, 2000, p. 176). Ginga e Matilde, duas mulheres que tomam em suas mãos os seus destinos em uma sociedade onde as vontades, a inteligência e o poder da mulher não podem aparecer fora do âmbito familiar. A personagem Matilde de Pepetela vive e inspira os ares da Rainha Ginga.

Todos os povos em todas as épocas precisam de exemplos, ídolos para seguirem. A Rainha Ginga foi este modelo não só para Angola como também para outros países, principalmente, o Brasil e os Estados Unidos da América.

2.2. A escravidão

Sabemos que historicamente a escravidão independe da cor da pele. Os mais fortes sempre subjagam e subjagaram os mais fracos, tendo em vista que a escravidão já existia desde tempos bíblicos; como o povo hebreu no Egito, nas conquistas dos povos desde a antiguidade: império romano, império otomano etc. E, mesmo no século XXI, também podemos encontrar pessoas em condições semelhantes ou idênticas a escravizadas nos povos ditos mais desenvolvidos.

Uma definição de escravidão é a “forma extrema de trabalho forçado, na qual os direitos da pessoa e sua força de trabalho são propriedade de outrem” (LOPES, 2014, p. 142). A força do poder do mais forte subjuga o mais fraco roubando sua essência de ser, tendo que renegar sua história e cultura e assimilar outra vida, tendo um senhor que “não é senão o proprietário de seu escravo, mas não lhe pertence; o escravo, pelo contrário, não somente é destinado ao uso do senhor, como também dele é parte. (ARISTÓTELES, 2019, p. 33).

Ambos os romances retratam a existência da escravatura interna no reino de Ndongo e da escravatura externa, transatlântica, empreendida pelos portugueses e holandeses. Nesta secção, pretendo analisar como diferentes personagens reagem aos diferentes tipos de escravatura.

Antes de os portugueses chegarem em Angola, viviam no território vários povos de origem bantu que sobreviviam como agricultores ou pastores. Nestes povos havia uma divisão do trabalho,

a agricultura, era praticada por homens e mulheres, mas as mulheres executavam o trabalho principal. Os homens faziam a desmatção e lavravam pela primeira vez os terrenos, mas eram as mulheres que cultivavam e colhiam [...]. Quando o solo das lavras se esgotava, mudavam-se para novos terrenos, sendo, portanto, uma agricultura itinerante. Quanto à pastorícia, era nómade, [...] Nos primeiros tempos, todas as lavras pertenciam a todo o clã; todos trabalhavam e o produto era dividido por igual, não havia escravos. (PACHECO; COSTA; TAVARES, 2018).

No romance de *Agualusa*, o narrador estranha em ver que um escravo pode ter escravos, “pode parecer coisa rara, esta de um escravo possuir também ele homens cativos, mas em Angola, como entre os mouros ou mesmo no Brasil, isto é algo muito comum” (AGUALUSA, 2018, p. 22). Ele também não aceita quando a rainha lhe oferece “cinco escravas e quatro dentes de elefante” (AGUALUSA, 2018, p. 112) pelo resgate de uma de suas irmãs, porque não consegue conformar-se com a ideia de ele próprio se tornar dono de escravos e aplicar a necessária violência para mantê-los cativos. O padre-narrador de *Agualusa*, ao lembrar de sua infância, refere que para garantir a obediência dos escravos e assegurar que não parassem de trabalhar era “necessário nunca lhes faltar com os três pés – pau, pão e pano [...] posso comprovar que aquilo que nunca faltava é o primeiro pê, o pau, a pancada” (AGUALUSA, 2018, p. 115).

Já o narrador de *Pepetela*, um escravo negro e mudo, vê a escravidão da seguinte maneira: “Um escravo não tem direitos, não tem nenhuma liberdade” (PEPETELA, 2000, p. 14). Como ele mesmo conta, que pertencia à Rainha Ginga e era “uma das suas propriedades mais preciosas, filho de uma escrava lunda, é certo, mas também de missionário napolitano” (PEPETELA, 2000, p. 24) e não esperava ser dado de presente por ela como sinal de amizade ao maluco Van Dum.

Por outro lado, o holandês Baltazar Van Dum decide seu destino quando soube sobre a “árvore das patacas, a qual afinal estava também em África [...]. Essa árvore maravilhosa, que bastava sacudir para caírem as moedas de ouro, [...] em África era coberta de escravos” (PEPETELA, 2000, p. 17). Ele vislumbra seu futuro em Luanda quando soube do valor de um negro jovem no Brasil. E inicia sua atividade comercial: “Em duas ou três excursões tinha conseguido algumas peças, que é o que nós somos de facto, que vendeu em Luanda por bom preço” (PEPETELA, 2000, p. 23). Mas ele sabe que se entrasse no território da Rainha Ginga para negociar escravos, teria escravos “mais baratos, pois as chefias do interior recuado exigiam menos missangas, sal ou panos, em troca” (PEPETELA, 2000. p. 23).

Conforme a historiografia, na ficção a escravidão também é vista como lucrativa não só pelos portugueses ou holandeses; é lucrativa e praticada também pelos próprios negros contra eles mesmos, como Nicolau, filho de Baltazar com uma escrava que segue os passos do pai e “geralmente andava pelos matos, a negociar escravos, como pumbeiro.” (PEPETELA, 2000. p. 21).

A ficção retoma a preocupação e a atitude da Rainha Ginga, mencionadas na historiografia, ao perceber o que os europeus estavam fazendo com seu povo,

Escrupulosa em preservar a coesão do próprio território, renunciou ao comércio dos negros e à escravidão, pois tinha a intuição que esse pretexto servia à Europa para subjugar os chefes africanos que se dedicavam a essas práticas e anexar-lhes os seus territórios e as suas riquezas. (SERBIN, 2014, p. 165).

Pepetela mostra-nos, na sua obra de ficção, o real interesse europeu no território da Rainha Ginga. Sobre os portugueses, afirma Mani-Luanda, o governador da ilha de Luanda: “[O]s portugueses apenas pretendem escravizar todo o povo do Kongo e do Ndongo e dos outros reinos. Os mafulos são diferentes, querem apenas fazer comércio (PEPETELA, 2000, p. 93). O juízo emitido sobre os holandeses é semelhante: “Os holandeses não desejam outra coisa. Vieram para cá por causa do comércio, sobretudo das peças, e a tensão no interior impede o resgate de escravos” (PEPETELA, 2000, p. 119). Em Agualusa, o interesse dos portugueses é mostrado pela atuação do irmão de Ginga, “Ngola Mbandi, criara um conflito com os portugueses” (AGUALUSA, 2018, p. 56), ao qual a Rainha Ginga, nos seus primeiros instantes de reinado, pretendia dar fim, pois “havia sido os portugueses a provocar [...] e que cabia ao governador corrigir a soma de graves erros cometidos pela sua gente” (AGUALUSA, 2018, p. 56). A Rainha, demonstrando seu talento diplomático, solicita ao governador português “a retirada de todas as tropas do Presídio de Ambaca e a devolução dos escravos roubados” (AGUALUSA, 2018, p. 56). Desta forma pretendia proteger os integrantes do seu povo de serem enviados ao Brasil, “posto que os comerciantes portugueses andavam tomando a cada ano milhares de cabeças e, com isso, despovoando o reino e subtraindo as famílias” (AGUALUSA, 2018, p. 21).

Ginga, agora Rainha Ginga, “se opunha ao envio de mais escravos para o Brasil” (AGUALUSA, 2018, p. 57). No entanto, isto não significa que a Rainha tenha tido a intenção de acabar também com a escravidão interna do seu reino. Ela persiste, mas, no romance de Agualusa, é caracterizada como mais ténue. No reino da Rainha Ginga, “os escravos recebiam [...] um tratamento muito mais compassivo do que [...] em Luanda ou no Brasil (AGUALUSA, 2018, p. 125).

Entre os africanos vigora uma lei segundo a qual só perde a liberdade quem cometeu crime que mereça a morte, sendo a pena comutada em escravidão.[...] os prisioneiros de guerra, cuja vida está por direito nas mãos dos vencedores, podem ser escravizados. Por nascimento,

apenas os filhos das escravas são escravos; não os filhos dos escravos. É a regra do *partus sequitur ventrem*³. (AGUALUSA, 2018, p. 125).

Os portugueses não respeitavam estas leis, “enviando para o Brasil não somente os escravos ou cacicos mas também os homens livres” (AGUALUSA, 2018, p. 125). Com isto, famílias eram separadas, perdiam-se também guerreiros para defender o seu povo, como também, membros de boas linhagens, o que desgostava muito a Rainha Ginga. No entanto, para o governador de Recife no Brasil, o holandês João Maurício de Nassau, era imprescindível “[u]ma aliança com a rainha Ginga, [...] parecia-lhe de grande importância” (AGUALUSA, 2018, p. 171). Nassau precisava “saber se a rainha Ginga tencionava facilitar o trânsito de escravos para o Brasil” (AGUALUSA, 2018, p. 171), pois somente com “a retoma do tráfico seria possível restaurar os engenhos e tê-los de novo a produzir o precioso açúcar de que a Companhia das Índias tanto precisava” (AGUALUSA, 2018, p. 147). As lavouras de açúcar no Brasil precisavam da mão de obra dos escravos africanos, visto que os indígenas não se adaptavam ao trabalho nas lavouras, pois este trabalho para eles era feito pelas mulheres e era uma cultura de subsistência apenas.

2.3. O racismo

Para Albert Memmi, racismo “é a valorização generalizada e definitiva, de diferenças biológicas, reais ou imaginárias, em proveito do acusado e em detrimento da sua vítima, a fim de justificar uma agressão” (MEMMI, 1993, p. 109). O racismo é uma característica intrínseca do colonialismo onde havia marcadamente diferentes formas de legislar para o indivíduo de cor diferente da branca, conforme está registrado no texto do Congresso Colonial Nacional, Conferencias Preliminares XVI, Conferência realizada na Sociedade de Geografia em 30 de Novembro de 1901, que diz:

Legislamos [...] para um individuo de côr preta que se quis fazer equal ao individuo branco que a teoria sectaria creara. [...] Raças não só diferentes, mas scientificamente inferiores á nossa, com um modo de pensar e de sentir proveniente é claro da sua organização social tão diversa, da sua propria organização physica tão diferente, com uma moral e uma religião oppostas até á nossa, absolutamente incapazes, scientificamente fallando, de adaptar aos seus

³ *Partus sequitur ventrem* é a regra de sucessão de culturas matrilineares, ou seja, a descendência da família, clã ou linhagem é referida em linha materna.

cerebros rudimentares e de curto periodo de desinvolvimento, as nossas complicadas theorias e as nossas elevadas concepções [...]. (ORNELLAS, 1903, p. 13).

Memmi nos confirma que “não existe qualquer relação colonial em que o racismo esteja totalmente ausente e à qual não esteja intimamente ligado” (MEMMI, 1993, p. 33). Esta divisão binária é demarcada e interiorizada pelo colonialismo, como explica Fanon: “Um negro comporta-se diferentemente com o branco e com outro negro. Não há dúvida de que esta cissiparidade é uma consequência direta da aventura colonial” (FANON, 2008, p. 33).

Nesta secção apresentarei uma seleção de afirmações racistas enunciadas por diferentes personagens dos romances visto que o racismo está marcadamente presente tanto na narrativa de *Pepetela* quanto na de *Aqualusa*. Não só em relação a portugueses e holandeses, mas principalmente em relação destes aos nativos e entre os próprios nativos africanos.

Em *Aqualusa*, percebemos o racismo em relação à embaixadora Ginga, quando os portugueses se espantam com sua inteligência e sua aptidão linguística. Segundo eles “a inteligência, quando manifesta numa mulher, e para mais numa mulher de cor preta, de tão inaudita, deveria ser considerada inspiração do maligno” (AGUALUSA, 2018, p. 37). Assim percebemos qual o lugar da mulher nesta sociedade em que predomina o poder do homem, onde não é esperado de Ginga, sendo mulher e além disto negra, a inteligência que supostamente só é cabida aos homens. O preconceito é tão aviltante quando além de tudo é referido como diabólico, o que nos faz recordar da caça às bruxas no século XV, quando o mal só é originado e esperado da mulher. Portanto, juntam-se nesta citação a atitude racista e a inferiorização da mulher, fenômeno que será abordado com mais detalhe no capítulo 2.4 sobre a interseccionalidade.

Voltando à ficção, o padre-narrador de *Aqualusa*, filho de uma índia e um mulato, nascido no Nordeste brasileiro, não se considerava branco, mas é visto como branco pelos macotas da Rainha Ginga que desconfiavam dos seus conselhos,

Nos sertões de Angola, como acontece nos do Brasil, qualquer homem que fale o português, tenha recebido as águas do batismo e possua fortuna ou merecimento, pode ser tomado como branco. (AGUALUSA, 2018, p. 67).

O secretário da Rainha Ginga já tinha visto “muitos brancos de pele preta” (AGUALUSA, 2018, p. 67), mostrando assim que, em determinadas circunstâncias, não é a cor que importa para caracterizar a pessoa e sim o que ela possui, ou como ela é vista na sociedade, quer seja na Angola do século XVII, quer seja no mundo do século XXI.

Em Pepetela, a personagem D. Inocência, esposa de Baltazar Van Dum, mesmo sendo filha de um soba da Kilunda, pensa que “só Gertrudes e Matilde tinham avançado a raça, pois foram as únicas a ter filhos com brancos” (PEPETELA, 2000, p. 239). Os outros filhos tiveram filhos com as escravas negras “o que significava regredir em relação a um ideal, o da alvura” (PEPETELA, 2000, p. 239). Contudo o narrador de Pepetela não considera ter filhos cafuzos, descendente de negro e de índio da América, como “atrasar a raça”, pois tinham olhos azuis ou verdes.

A personagem D. Inocência tem consciência de que o racismo existe e, acreditando no processo de branqueamento racial, tenta escapar dele incentivando seus filhos e suas filhas a casarem com brancos, pois só assim terão filhos mestiços, mais claros, tornando a descendência da família mais branca.

A personagem Catarina, filha de Van Dum com uma escrava, é tratada de modo diferente e obrigada a ajudar na lida doméstica como uma escrava, “pois D. Inocência aproveitava todos os momentos para lhe mostrar que era inferior de direitos aos seus filhos, nascidos dentro de casa e segundo todos os preceitos da Santa Madre Igreja” (PEPETELA, 2000, p. 22). D. Inocência chega mesmo a pedir que Catarina não chamasse Van Dum de pai, “mas quando Catarina lhe perguntou então lhe chamo como, de patrão ou de senhor Baltazar, ela sentiu tinha perdido a batalha, disse deixa para lá, não liguês” (PEPETELA, 2000, p. 24).

A personagem D. Inocência não é ingênua, reconhece o sofrimento e as dificuldades provenientes da cor da pele negra e tenta proteger seus filhos do casamento com Van Dum distinguindo-os dos filhos do quintal.

O racismo é antes de mais, uma experiência vivida: é também uma experiência comum, muito largamente partilhada; isto antes de ser utilizada como uma máquina ideal para destruir o outro. Os colonizadores são frequentemente racistas, sim, mas os colonizados também. (MEMMI, 1993, p. 30).

O racismo não é senão “a opressão sistematizada de um povo” (FANON, 2011, p. 274), que por causa da cor de sua pele é considerado inferior. O racismo dos colonizados é

uma reação ao racismo colonial. É uma estratégia de sobrevivência e ascensão social na sociedade colonial. O colonizado é subjugado e lhe é tirado tudo que o caracteriza como um indivíduo: sua cultura, seus costumes, sua liberdade de escolha, sendo-lhe imposta a maneira de vida do colonizador para poder sobreviver.

Faço aqui um aparte pessoal para refletir sobre a educação que eu própria recebi no Brasil, tendo nascida branca, em 1962, e crescido no século XX. Quando leio os romances históricos de Aqualusa e Pepetela, não imagino as personagens como pessoas negras, imagino-as como pessoas brancas, mesmo sabendo que são angolanas. Somente a Rainha Ginga consigo imaginá-la e vê-la na sua plenitude negra. E eu não me considero racista. Será que é isto o racismo camuflado que tantos falam? Acredito que, assim como eu, outros leitores brancos terão esta mesma percepção, pois fomos educados num mundo de brancos, onde os negros são vistos à parte desta sociedade, e onde fomos acostumados a obras literárias com personagens brancos.

Ninguém, ou quase ninguém, se considera racista e, no entanto, o discurso do racismo mantém-se tenaz e actual. Quando interrogado, o racista nega-se e retrai-se: ele, racista, nem pensar! Se insistirmos sente-se insultado. No entanto, se o racismo não existe, as atitudes, as condutas racistas existem; toda a gente pode dar exemplo. (MEMMI, 1993, p. 13).

Conforme Memmi, não existe comprovadamente uma raça superior, como

Não há qualquer raça pura, ou grupos biologicamente homogêneos. Se os houvesse não seriam biologicamente superiores. Mesmo que fossem biologicamente superiores, não seriam necessariamente superdotados, nem culturalmente mais avançados. (MEMMI, 1993, p. 23).

O que vemos, tanto na historiografia quanto na ficção, é os negros serem retratados como inferiores, como objetos, como afirma o narrador no romance de Pepetela: “tinha conseguido algumas peças, que é o que nós somos de facto...”. (PEPETELA, 2000, p. 23). E são comercializados, vendidos a bom preço. No entanto, a ficção não retrata os comportamentos racistas para perpetuá-los, mas, sim, para criticá-los. A ficção quer nos lembrar deste período violento, do racismo colonial, para que possamos refletir sobre o racismo do presente, mesmo que em muitas culturas ainda digam que ele não existe mais.

Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será. (FANON, 2008, p. 34).

De acordo com Frantz Fanon, o povo colonizado, para sobreviver, deve aceitar se submeter às regras impostas pelo colonizador. Observamos esta atitude na ficção de Pepetela com a personagem D. Inocência, “filha dum pequeno soba da Kilunda” (PEPETELA, 2000, p. 21), que rejeitava os filhos do marido feitos no quintal com as escravas e também queria que os seus filhos só se casassem com brancos para serem visto como iguais diante do colonizador, pois só assim teriam um futuro melhor.

O racismo não poupa nem as crianças, Titi, Chissomo Gagliasso Ewbank Marques, filha mais velha dos atores brasileiros Bruno Gagliasso e Giovanna Ewbank, que foi adotada em 2016, no Malawi, já foi vítima de racismo tanto no Brasil como em Portugal. No Brasil, a primeira vez foi quando em uma postagem de Giovanna Ewbank em uma rede social, uma internauta fez o seguinte comentário: “Vocês tinham que adotar uma menina de olhos azuis, isso sim iria combinar, e não aquela pretinha que parece uma macaquinha, lugar de preto é na África” (AGÊNCIA O GLOBO, 2016). Titi tinha apenas dois anos. Outro episódio racista ocorreu quando a menina tinha quatro anos. A blogueira e socialite, Day Mccarthy, grava um vídeo chamando a criança de “macaca”. A mais recente agressão de racismo sofrida por Titi foi em 2022, quando a família saiu para almoçar no restaurante Clássico Beach Club, na Costa da Caparica, em Portugal. Uma mulher branca e loira passou e começou a xingar a menina e seu irmão Bless, dizendo que eles deveriam voltar para a África, além de chamá-los de “pretos imundos” (TITI, 2022).

O racismo é um preconceito repulsivo e vergonhoso para a humanidade, é um preconceito que separa e classifica os seres humanos pela cor de sua pele, é um preconceito que, quando sofrido por pessoas adultas, estas até sabem e conseguem se defender dele, mas crianças não têm a mesma bagagem para fazê-lo. Crianças não têm cor, são inocentes. Devemos protegê-las da desumanidade do mundo. A menina Titi foi defendida na hora, e as outras meninas e os outros meninos que não têm pais presentes ou famosos, quem os protegerá?

2.4. A interseccionalidade

Kimberlé Crenshaw, professora de Direito e teórica feminista negra estadunidense, foi quem sistematizou em 1989 o conceito de interseccionalidade como:

uma conceituação do problema que busca capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Crenshaw analisou dentro dos estudos feministas que havia formas mais complexas e interligadas de opressão e mostrou que tais experiências de opressão não são causadas por um único fator, como gênero, raça, classe social ou orientação sexual, mas, sim, pela interligação e pelo cruzamento destes diferentes fatores que formam as pessoas. A estudiosa também afirma que as teorias feministas e antirracistas tratavam separadamente estas opressões não envolvendo todos as individualidades.

Ainda vivemos em uma sociedade patriarcal na qual o homem continua sobrepondo seus interesses aos direitos das mulheres, que são discriminadas por serem mulheres. Contudo a discriminação não fica só na questão de gênero, pois, quando esta mulher é negra, é chefe de uma família monoparental e tem as mesmas características, inteligência e razão, do homem, características estas que definem o ser humano em si, o preconceito é ainda mais marcante. A mulher é marginalizada na sociedade patriarcal vigente desde sempre. A confirmação desta discriminação começa na infância quando a menina é criada para ser esposa, mãe, dona de casa e ser subserviente e subjugada pelo marido. As que conseguem ir além destas definições sociais preestabelecidas e conseguem estudar e ter uma profissão, são discriminadas nas suas atividades laborais, mesmo fazendo a mesma atividade de um homem, são remuneradas com valores mais baixos em relação aos que os homens recebem. A mulher negra é duplamente marginalizada por ser mulher e por ser negra.

A identidade social feminina abrange muitas outras identidades que vão se entrelaçando, fazendo com isto que a mulher sofra outros preconceitos simultaneamente.

A interseccionalidade pode ser entendida como uma ferramenta de análise que consegue dar conta de mais de uma forma de opressão simultânea. Com essa lente, os processos discriminatórios não são compreendidos isoladamente, nem se propõem uma mera adição de discriminações, mas sim, abraça-se a complexidade dos cruzamentos dos processos discriminatórios e a partir daí se busca compreender as condições específicas que deles decorrem. (KYRILLOS, 2020, p. 1).

A ficção de *Agualusa* ressalta a interseccionalidade quando a inteligência de Ginga, sendo mulher e negra, é algo surpreendente ao ver dos poderosos e preconceituosos homens europeus. No romance de *Agualusa*, o personagem Isaac Pinto, um judeu, filho de portugueses que haviam fugido para Amesterdão antes de ele nascer, afirma que

Ouvira falar muito na rainha Ginga. Ouvira falar na sua bravura e sagacidade. Dizia-se que era tão hábil enquanto diplomata, manejando palavras e argumentos, quanto nos campos de batalha, com o arco e as flechas. (AGUALUSA, 2018, p. 148).

Tanto os portugueses quanto os holandeses ficavam admirados da sua inteligência, da sua determinação em aprender a língua do seu inimigo para entender e fazer-se entender e assim conseguir o melhor resultado na defesa de seu povo. A Rainha Ginga tem o discernimento de que faz parte de uma sociedade patriarcal e por isso sente a necessidade da mudança de atitude referente ao gênero, não aceitando a imagem comum de “sexo frágil” para poder ser aceita e respeitada como governante e decidir o melhor para o seu povo, como constata o narrador de *Pepetela*: “... a rainha, que de facto detesta que a tratem assim, pois ela diz é rei, porque só o rei manda, e ela não tem nenhum marido que mande nela, ela é que manda nos muitos homens que tem no seu harém e que chama de minhas esposas” (PEPETELA, 2000, p. 23). A Rainha Ginga é representada como uma mulher que não precisa de um homem e que é forte o suficiente para se impor e reinar. Conforme Wieser,

Esta imagem de uma mulher inteligente, eloquente, dotada de grande talento diplomático e que apresenta, além do mais, uma grande capacidade estratégica [...] partindo do olhar ocidental, estas capacidades francamente positivas não poderiam ser características de uma mulher e – poder-se-ia acrescentar – menos ainda de uma mulher negra. Por este motivo, Njinga torna-se uma ameaça que desafia os conceitos ocidentais de “gênero” e de “raça”. (WIESER, 2017, p. 34).

A cultura ocidental supunha, no século XVII, e até os dias de hoje, que cabia às mulheres somente a organização do lar e da família. Não se espera uma mulher guerreira, forte e lutadora, que enfrenta de frente seus inimigos. E a mulher e negra era suposto ajudar a mulher branca no lar. No mundo moderno muitas mulheres pouco querem saber das lidas da casa e muitas mulheres negras querem lutar pelo seu espaço, estudando, trabalhando, pois não são inferiores às mulheres de cor branca e muito menos aos homens, não importando sua raça.

No romance de *Pepetela*, a personagem Dolores só é vista pela sua deficiência física,

Dolores era uma escrava que coxeava, por ter uma perna dez centímetros mais curta que a outra, [...] Dolores não tinha atributos físicos apreciáveis, além do andar extravagante, pois se mexia toda como uma cobra, num movimento ondulante desde os pés até à cabeça. Ajudava na limpeza da casa grande e numa necessidade premente Hermenegildo derrubou-a na esteira da cubata dela e engravidou-a. (PEPETELA, 2000, p. 208).

A escrava Dolores é motivo de chacota pela sua deficiência física, servia para a limpeza da casa e para saciar as necessidades do filho do seu dono, apesar de ser desprovida de beleza física. Grávida, assegurava que seu filho era um Van Dum, “embora ela pudesse ter ido com outros homens, ninguém sabia” (PEPETELA, 2000, p. 208). As escravas não escolhiam seus parceiros. O narrador de *Pepetela*, ciente de tudo que ocorre, observa

Dolores, já liberta da barriga, a atravessar o terreiro para ir ter com os escravos. Tinha parido um rapaz, mas era demasiado pequeno para chamar a atenção do meu dono. Se via que o pai tinha sangue branco, era um bebé mais vermelho que os outros. Portanto a conclusão seria tirada em breve, logo que Baltazar reparasse ou alguém lhe apontasse a criança: havia mais um Van Dum no quintal. (PEPETELA, 2000, p. 229).

A sociedade patriarcal valoriza a masculinidade dos homens e não se pode colocar dúvidas quanto a ela. Assim, para Baltazar Van Dum, receber a notícia de ter mais um neto só “daria a maior felicidade a Baltazar, que sempre se preocupava com os gestos aveludados do filho e o desprezava um pouco por pensar não ter interesse nas mulheres” (PEPETELA, 2000, p. 208).

3. A Rainha Ginga representada nas obras

3.1. *A Rainha Ginga. E de como os africanos inventaram o mundo*, de José Eduardo Agualusa

Em Agualusa, a Rainha Ginga vai sendo retratada aos poucos numa crescente ascensão ao poder. A primeira imagem da Ginga ainda não rainha, caracteriza-a como nobre pelos panos que veste e pelas joias valiosas, contudo, ela é descrita como “uma mulher pequena [...], sem muita existência, não fosse pelo aparato com que trajava e pela larga corte de mucamas e de homens de armas a abraçá-la” (AGUALUSA, 2018, p. 15). Ainda não se pode ter a ideia do seu futuro poder como a conselheira do rei, seu irmão, e mais tarde rainha. Contudo a crença de Ginga já é evidenciada por ela mesma quando diz que “toda sua fé se achava naqueles adereços, e num cofre, a que os ambundos chamam mosete, onde guardam os ossos dos antepassados” (AGUALUSA, 2018, p. 17). E esta fé e a crença no seu povo é que faz com que Ginga se torne a Rainha Ginga que lutará pelos seus contra os portugueses.

Segundo a historiografia, Ginga já era reconhecida como guerreira antes de assumir seu trono: “Em criança e jovem adulta, ela fora a preferida do pai, ultrapassando, supostamente, o irmão, tanto em capacidade mental como em competência militar” (HEYWOOD, 2018, p. 57). Na batalha de Xila, em Março de 1646, “o capitão Gaspar Borges Madureira pôde divisar ao longe a própria Njinga Mbandi, vestida com trajes guerreiros, coberta por um guarda-sol, no meio da batalha [...] (PINTO, 2019, p. 364). A Rainha Ginga “não fugiu à refrega; espiões portugueses avistaram-na numa colina, cercada pelo seu núcleo leal de imbangalas jovens” (HEYWOOD, 2018, p. 167).

A história registra, assim como na ficção de Agualusa, a influência de Ginga no reinado de seu irmão, Ngola Mbandi, “sempre assessorado, [...] pela sua irmã Njinga Mbandi” (PINTO, 2019, p. 330). O rei, seu irmão, reconhecia o talento de Ginga, tanto que “decidiu enviar uma embaixada [...] encabeçada [pela] princesa Njinga Mbandi” (PINTO, 2019, p. 329) a Luanda em maio de 1622. Nesta significativa missão dada à Ginga, ela “revelou um domínio surpreendente da língua portuguesa” (PINTO, 2019, p. 329) deixando os portugueses pasmados.

A historiografia também registra quando Ginga passa a querer ser reconhecida como ‘Rei Ginga’,

Ao longo do percurso evolutivo de Nzinga há uma transição deveras importante que ocorre quando decidiu que o seu círculo interno e os seguidores deveriam considerá-la um homem, não uma mulher. No entanto, curiosamente, inicia a transição casando-se com um homem, Ngola Ntombo (Senhor Ntombo), ordenando que se vista como uma mulher e referindo-se-lhe no feminino, exigindo que a tratasse por rei em vez de rainha. Quando casou aumentou o número de concubinos, ordenou-lhes que vestissem a mesma roupa que as guarda-costas femininas, exigindo ainda que os homens dormissem no mesmo quarto que as guarda-costas femininas, mas com obrigatoriedade de permanecerem castos (HEYWOOD, 2018, p. 145).

Há, na história de diferentes povos e em diferentes épocas, mulheres que se vestiram de homens para poderem lutar pelo seu país, visto que as mulheres não tinham o direito de fazer parte do exército. Podemos citar Joana D'Arc (1412-1431), a guerreira mais famosa da história da França (e sua padroeira) que lutou para defender a França e precisou usar roupas masculinas para impor-se e ser respeitada junto das tropas. Com a Rainha Ginga não foi diferente, pois ela vivia numa sociedade na qual só os homens podiam ser guerreiros. Assim, podemos entender a ordem de Ginga desde que assumiu o trono, e os festejos “por todo o quilombo a coroação da rainha. Ou rei, segundo os termos da própria Ginga” (AGUALUSA, 2018, p. 55), que era como rei Ginga que ela queria ser tratada. Conforme Heywood,

Nzinga adotou novos nomes em momentos cruciais da sua vida e essa tendência fez parte fundamental da sua busca por uma identidade, um meio de encontrar o lugar num mundo onde as mulheres raramente tinham papéis importantes na guerra, na política ou na diplomacia. (HEYWOOD, 2018, p. 142).

É importante lembrar que a palavra Ngola significa rei ou rainha, já que, segundo Padre Pedro Dias, a língua kimbundo não tem marca de gênero, mas que este é especificado pelo uso de certas palavras, tais como “macho” e “senhor” ou “fêmea” e “senhora” (DIAS, 1697, pp. 23-24).

A Rainha Ginga, ficcionalizada por Agualusa, demonstra muita preocupação em relação às suas irmãs, “toda aquela gente, ou quase toda, fora capturada pela guerra preta. Entre os cativos contavam-se as duas irmãs da Ginga, a doce Mocambo e a valente Quifungi” (AGUALUSA, 2018, p. 78). Este fato é confirmado historicamente: “O quilombo da rainha Njinga ia-se dispersando pelo caminho, o que permitiu ao exército capturar vários retardatários. Foi o caso, a 25 de Maio, de uma coluna onde seguiam as duas irmãs da soberana, Nfunji (ou Quifunge) e Nkambu (ou Mucambo), as quais foram imediatamente enviadas para Luanda” (PINTO, 2019, p. 339 e 340). E desde então,

Nzinga procurava maneiras de se vingar dos portugueses e resgatar as irmãs. [...] Funji fora morta, mais exatamente afogada pelos portugueses no rio Cuanza como punição por espionagem, mas Kambu ainda estava viva e Nzinga empenhou-se de tal modo no salvamento da irmã que soterrou os holandeses com presente e prometeu lutar pessoalmente ao lado deles. (HEYWOOD, 2018, p. 172).

O narrador de Agualusa narra a recuperação de Luanda pelos portugueses e a triste notícia da morte de Quifungi, a irmã da Rainha Ginga, que espionava os portugueses e mandava as táticas destes para o conhecimento da rainha, “os portugueses interceptaram uma carta da princesa para a irmã, [...] dava conta do estado de ânimo dos seus captores e dos planos bélicos que maquinavam” (AGUALUSA, 2018, p. 240). A irmã de Ginga teve uma morte brutal, “o governador, irritado, mandou colocá-la num batel, nua e amarrada pelos pés a uma pesada âncora. Lançaram o batel para o meio da corrente e afundaram-no a tiros de canhão (AGUALUSA, 2018, p. 240). No entanto Mocambo, a outra irmã da Rainha Ginga voltara a ser presa pelos portugueses. O narrador de Agualusa soube que tinham visto a princesa “caminhando através de uma fila de soldados brancos, tão altiva e com tanta graça e autoridade que muitos dos brutos se iam ajoelhando à passagem dela” (AGUALUSA, 2018, p. 240). Contudo, Bárbara, nome de batismo de Mocambo, só é liberta quando a Rainha Ginga acerta o tratado de paz com os portugueses: “[m]ilhares de pessoas, incluindo membros do exército e oficiais da corte, saudaram a chegada de Bárbara. [...] Tendo permissão para se aproximar de Bárbara, Nzinga beijou a mão da irmã e ajoelhou-se mais uma vez, baixando novamente o rosto até ao chão” (HEYWOOD, 2018, p. 212), em uma saudação cerimonial que era um costume para homenagear mestres ou superiores.

Agualusa mostra a Rainha Ginga como a escolhida pelo seu pai para ser a sua sucessora, mesmo não sendo considerada como tal, pois seu irmão é o sucessor segundo as leis dos ambundos. Ginga, a guerreira que defende seu povo a todo custo do poder português e que sabiamente usa de estratégias para conseguir enfrentar o inimigo, aceitando trocar seu nome e sua religião para atingir seu objetivo, o de ter os direitos do seu povo respeitado como uma nação.

3.2. A Rainha Ginga de Pepetela

A Rainha Ginga, na obra *A Gloriosa Família*, de Pepetela, não é a personagem principal, sua história ou relatos sobre suas atitudes são fragmentados e aparecem em momentos específicos da história ficcional, onde são relatados os fatos da história real de luta contra os portugueses. Ginga é lembrada principalmente pelo escravo narrador quando este comenta e relaciona alguns fatos da ficção com seu conhecimento sobre a rainha, pois ele fora escravo dela antes de ser escravo de Van Dum que o foi “buscar à terra de Jinga Mbandi” (PEPETELA, 2000, p. 23).

O escravo narrador de Pepetela conta como foi dado de presente a Baltazar quando este usou estrategicamente o fato de que “Jinga fazia a guerra aos portugueses, como ainda faz” (PEPETELA, 2000, p. 23) para a enganar:

[...] ousada maneira como Baltazar Van Dum aproveitou a sua ascendência flamenga para enganar a rainha [...] deu uma volta, aparecendo pelo norte no território, dizendo que era malufu [...] Jinga deixou-se enganar. [...] pois a rainha queria mostrar como eram bem-vindos todos os que se opunham aos portugueses. (PEPETELA, 2000, p. 24 e 25).

A primeira referência da Rainha Ginga na história de Pepetela mostra que, na primeira oportunidade de fuga, os escravos buscavam o refúgio seguro “fugindo para as terras da rainha Jinga, à busca de proteção e liberdade” (PEPETELA, 2000, p. 15). A Rainha Ginga é a proteção, o porto seguro para seu povo, uma vez que se opunha ao tráfico transatlântico de escravizados (como foi referido no capítulo 2.2).

Quando os holandeses chegaram na baía de Luanda, o narrador conta que os escravos debandaram pois “já tinham prometido à Jinga [...] que desertariam mal um exército atacasse a cidade” (PEPETELA, 2000, p. 40), o que demonstra mais uma vez a sua confiança na liderança de Ginga.

A ficção retoma o preconceito colonial de que os africanos em geral, e a Rainha Ginga em particular, são selvagens, preconceito usado de forma estratégica para afirmar a superioridade dos europeus: “Os portugueses dizem ela é canibal, uma víbora em que se não pode confiar” (PEPETELA, 2000, p. 23). No entanto, pela distância histórica entre a história narrada e o tempo da escrita e da leitura do romance de Pepetela, estas afirmações causam um desconforto no público leitor, uma vez que evidenciam a violência inerente ao colonialismo.

O narrador de Pepetela lembra que seu dono elaborara uma estratégia para conseguir comprar mais escravos: “Os pumbeiros que conseguiam penetrar no território de Jinga e negociar escravos, conseguiam-nos mais baratos” (PEPETELA, 2000, p. 23). O comércio de escravos, que era vital, tanto para os interesses de portugueses quanto de holandeses, era feito à base de trocas por missangas, panos e sal. A Rainha Ginga regulava este tráfego, liberando somente para aqueles que não considerava seus inimigos. Historicamente, os escravos eram capturados e vendidos em troca de mercadorias e negociados como mão-de-obra para os fazendeiros, principalmente, no Brasil, que pagavam com ouro.

O escravo narrador recorda como a Rainha Ginga via a relação dos europeus com o ouro “o meu rei, que é a minha rainha Jinga, sempre dizia, [...] os brancos têm muita fome de ouro e de prata, chegam a um sítio e perguntam logo, não por comida, mas por ouro (PEPETELA, 2000, p. 37). Pepetela lembra outro interesse do colonialismo europeu, a busca principalmente de ouro e prata, implantando, assim, o extrativismo mineral em África.

Os holandeses tiveram em princípio dificuldade em fazer alianças com a Rainha Ginga: “Ainda não tinham contactado Jinga [...], pois os portugueses lhes cortavam os caminhos” (PEPETELA, 2000, p. 44). Os portugueses temiam uma aliança entre os holandeses e a Rainha Ginga, visto que tal união fortaleceria sua maior inimiga e dificultaria a retomada de Luanda.

Baltazar Van Dum orienta um dos filhos: “não te aproximes da Jinga, essa está com a força toda” (PEPETELA, 2000, p. 25). Outro filho comenta que “A Jinga agora não é nossa inimiga [...]. É aliada dos holandeses, recebeu-os com grandes festas (PEPETELA, 2000, p. 25). Porém Baltazar observa: “Mas com a Jinga nunca se sabe [...]. É bom não facilitar, ela tem o seu próprio plano” (PEPETELA, 2000, p. 25). No romance de Pepetela, como observamos, constam apenas informações dispersas sobre Jinga, pois não é um romance sobre a Rainha Ginga, todavia sua presença é uma “ostensiva ausência” (MATA, 2014, p. 27). A preocupação do personagem Baltazar se refere ao fato de que há pouco eles eram aliados dos portugueses e agora estão aliando-se aos holandeses, isto faz com que a família Van Dum possa ser vista como inimiga de ambos os lados.

Na ficção de Pepetela, observamos que a Rainha Ginga também comercializava os escravos que fugiam para o mato buscando sua proteção

A Jinga poderá mais tarde vendê-los aos holandeses, [...] pois ela continua a querer agradar os holandeses. [...] E venderia ela escravos do seu próprio povo, ou apenas prisioneiros de guerra pertencentes a outros povos? (PEPETELA, 2000, p. 68).

Os escravos que conseguiam fugir dos portugueses sabiam que a Rainha Jinga iria protegê-los, ela recebia a todos, pois eles significavam um reforço para o seu exército. Jinga volta a favorecer a comercialização de escravos a partir da aliança com os holandeses, pois sabe que era este o interesse principal dos malufos, como eram chamados os neerlandeses.

A história ficcional de Pepetela revela a dificuldade de negociar com a Rainha Jinga quando Nicolau, filho de Baltazar Van Dum, “embrenhado nas terras de Jinga, tentando resgatar os escravos que tinham fugido dos portugueses [...], os quais seriam muito mais baratos, se Jinga aceitasse fazer negócio” (PEPETELA, 2000, p. 92). Não conseguem ter sucesso na negociação, pois “Jinga não tinha querido vender os escapados do arraial do Gango, pela fuga se tinham tornado livres e não era ela que os entregaria para as grilhetas” (PEPETELA, 2000, p. 97).

O personagem de Pepetela, Baltazar Van Dum, comenta o hábito das mulheres em sentarem no chão em tapetes enquanto os homens sentam em cadeiras no que o narrador lembra: “Era a posição natural das nossas, menos a rainha Jinga, que sentava em cadeirões ou nas costas de escravos, mas essa era rei” (PEPETELA, 2000, p. 87). Isto faz alusão ao fato histórico em 1621,

quando Jinga veio a Luanda, ainda não era rainha, negociar um acordo em nome do rei seu irmão, e o chefe português, confortavelmente sentado num cadeirão de veludo carmesim, segurando um bastão com punho de ouro, desprezivamente lhe deixou de pé. O meu rei fez um gesto para a comitiva e uma escrava aproximou e se pôs de quatro, para ela poder sentar nas costas. Terminada a audiência, Jinga ia se retirar, quando o governador disse e então essa mulher fica para aí? O meu rei fez um gesto de desdém e replicou, nunca levo as cadeiras em que me sento. (PEPETELA, 2000, p. 125).

O narrador de Pepetela menciona o momento de pausa na guerra entre holandeses e portugueses, no entanto “as tréguas não abrangiam os aliados dos holandeses, Jinga” (PEPETELA, 2000, p. 90). Entretanto esta trégua não era bem vista pelos reinos locais.

Convém-nos que os europeus estejam desavindos entre eles. Se os dois se aliam, quem paga somos nós. Este é o pensamento de D. Garcia II e de todos os manis do reino. E também de Jinga Mbandi e dos sobas dembos. Nunca esqueças isto, meu futuro genro, o nosso bem está na luta entre os europeus. (PEPETELA, 2000, p. 93).

O narrador, como ex-escravo de Rainha Ginga, conhece algumas táticas da Ngola para aumentar a atenção de quem a ouvia,

meu rei Jinga era espantosamente hábil a fazer e a quebrar os silêncios no momento de maior efeito. E um dia chegou a dizer que só os verdadeiros chefes sabem usar totalmente as hesitações simuladas da fala. (PEPETELA, 2000, p. 168).

Na obra ficcional de Pepetela, o narrador nos dá conta também da situação dos portugueses, quando os holandeses dominavam as cidades costeiras, e da reação da Rainha Ginga sabendo que os “portugueses estavam confinados ao interior, sem portos, constantemente confrontados com rebeliões das populações subjugadas e com a hostilidade [...] da rainha Jinga. A situação era muito difícil [...]” (PEPETELA, 2000, p. 182 e 183). Os portugueses esperavam reforços, contudo estavam revoltados por estarem sendo atacados “por aquela canibal da Ginga” (PEPETELA, 2000, p. 183).

Segundo o narrador do romance de Pepetela, era assim que os portugueses se referiam “ao meu rei como ‘aquela canibal’ e ficavam logo de cabeça perdida. Queriam mesmo dizer que ela preferia carne humana, sem sabor e adocicada” (PEPETELA, 2000, p. 183). Nunca se fala bem de um inimigo, e os portugueses não são diferentes. Pepetela expõe a tática dos portugueses para depreciar, desmoralizar a Rainha Ginga perante seu povo que acreditava na rainha e na sua luta contra o poder português.

Quando os holandeses, na ficção de Pepetela, sentiram necessidade de reorganizar o comércio em Luanda até “Jinga tinha mandado dizer aos accionistas da Companhia das Índias Ocidentais que veria a decisão com agrado” (PEPETELA, 2000, p. 215). Como citado anteriormente, a Rainha Ginga vê nos holandeses a aliança que necessitava para continuar sua luta contra os portugueses, e o comércio de escravos interessava a ambos.

No romance de Pepetela, Baltazar Van Dum comentando com o filho Nicolau sobre as novas rotas seguras de comércio e compra de escravos diz que “a Jinga é sempre um problema, nunca se sabe como aprecia o tráfico” (PEPETELA, 2000, p. 225). É controverso, assim como a Rainha Ginga protegia os escravos que fugiam e procuravam sua ajuda, a

soberana Mbundu também tinha o controle do comércio de escravos, restringia ou liberava o comércio de acordo com seus interesses políticos na guerra contra o colonialismo.

Como na historiografia, a ficção de Pepetela mostra que a trégua entre holandeses e portugueses não durou muito tempo e que o objetivo era atingir a Rainha Ginga principalmente. Mesmo não sendo o que os holandeses quisessem, tentaram dissuadir o novo governador em manter a paz e as relações de comércio.

Convença o Sottomayor de que os portugueses só perdem com a guerra, não podem lutar contra a Jinga, o Kongo e nós, todos coligados, que é o que vai acontecer. Que têm todo o interesse em manter o comércio aberto, como estávamos até há pouco tempo (PEPETELA, 2000, p. 252).

O historiador Alberto Oliveira Pinto, por sua vez, refere que

Francisco Sotomaior iniciou, logo neste mês de Dezembro de 1645, uma política de ruptura com os Holandeses. [...] a decisão do governador português de quebrar os acordos de tréguas com os Flamengos e de lhes declarar guerra. [...] sua principal preocupação era preparar os esquadrões dos presídios portugueses de Massangano, Muxima, Ambaca e Cambambe contra a rainha Njinga Mbandi. (PINTO, 2019, p. 363).

Segundo a historiografia, a Rainha Ginga “persistia nos assaltos” (PINTO, 2019, p. 363) e Sotomaior, governador de Angola (1645-1646), “soube que a soberana da Matamba se atrevera, inclusive, a mandar um de seus oficiais [...] arrasar e pilhar o gado de uma libata muito próxima do arraial português de Ambaca” (PINTO, 2019, p. 363). Os holandeses, na ficção, constataam:

Também recebemos indicações da rainha Jinga, furiosa perante a nossa passividade. Os portugueses estão a invadir o seu território e castigam os sobas que lhe são fiéis. Querem impor como rei do Ndongo o fantoche que eles criaram, o tal Filipe Ari. E voltam a fazer razias em territórios que dependem da rainha. Ela tem muita gente aguerrida, todos sabemos, mas precisa de artilharia. (PEPETELA, 2000, p. 253).

O narrador de Pepetela relembra quando ouviu seu dono, Baltazar Van Dum, falar sobre as “difíceis relações entre portugueses e mafulos” (PEPETELA, 2000, p. 254), e

também lembra o que dissera o personagem Mani-Luanda sobre a trégua entre os portugueses e os holandeses: “era um erro deixar a Jinga aguentar sozinha com a força e raiva dos portugueses, que aproveitavam o facto de terem canhões para dizimarem os guerreiros de plumas na cabeça” (PEPETELA, 2000, p. 254).

Historicamente, conforme o historiador Alberto Oliveira Pinto (2015, p. 343-344), os holandeses propuseram um acordo de paz aos portugueses em 1642, pois estavam com dificuldade de avançar e atingir as rotas comerciais do interior por causa dos lusitanos. Mesmo sendo aliados da Rainha Ginga, os holandeses não conseguiam sair do litoral. O acordo de paz só foi assinado em 1643 e prolongou-se por dois anos. Este acordo não incluía todos os interessados nas rotas comerciais, pois a Rainha Ginga também tinha o mesmo interesse econômico. Como não fazia parte da aliança, a Rainha Ginga atacava entrepostos portugueses.

4. A influência de Ginga nas personagens das obras: *A Rainha Ginga*, de José Eduardo Agualusa, e *A gloriosa família*, de Pepetela

4.1. Henda e Muxima, personagens de Agualusa

Henda é a escrava de Ginga que a acompanhou no encontro com o Governador em Luanda. E como não tinham lhe reservado uma cadeira, a embaixadora do rei do Dongo ordenou a esta jovem e graciosa escrava que “se ajoelhasse na alcatifa e, para grande assombro de todos os presentes, sentou-se sobre o dorso da infeliz” (AGUALUSA, 2018, p. 35). Henda permanece imóvel até o final do encontro, quando é deixada em Luanda, pois Ginga “Não tinha por hábito usar do mesmo assento mais do que uma vez.” (AGUALUSA, 2018, p. 37).

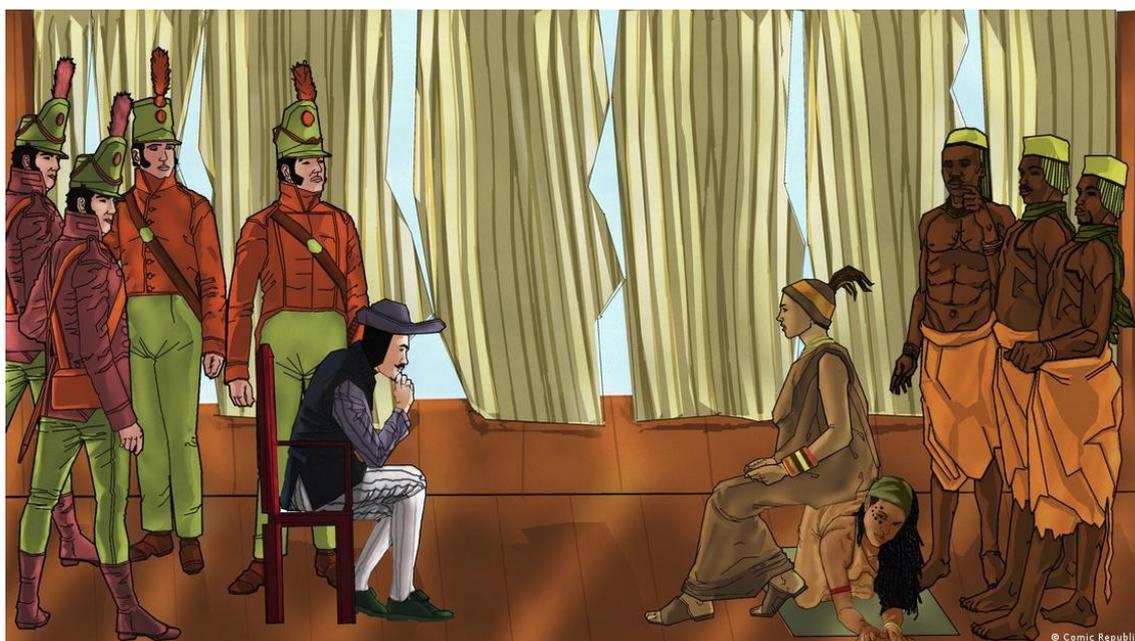


Figura 1: Nzinga Mbande e o governador português

Foto: Comic Republic

Republic⁴

O narrador de Agualusa conta-nos que reencontrou Henda, anos mais tarde, sentada, sozinha no grande salão do palácio do Governador,

Engordara muito. Vestia uma blusa branca, rendada, e uma saia de igual cor, larga como um pedestal. Trazia ao pescoço labirínticos colares de prata e nos pulsos trabalhosas pulseiras do

⁴ Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/njinga-mbande-a-rainha-angolana-que-fez-frente-aos-portugueses/a-42579615> acesso em 04.07.2023.

mesmo metal. As mãos, pousadas no regaço, luziam com a opulência dos anéis. Coroava-lhe a cabeça um soberbo turbante, também ele muito alvo, imaculado. (AGUALUSA, 2018, p. 221).

É Cristóvão, filho do padre e de Muxima, que explica a vida de Henda depois que foi abandonada por Ginga. O Governador João Correia de Souza não sabia o que fazer com a escrava e deixou-a morando no palácio servindo de auxiliar na cozinha. E assim foi sucessivamente, cada novo governante ia dando-lhe outras tarefas, como: camareira, orientando a escravaria nos salões, chefe de cozinha. Mas não sabem se por sua competência ou por medo de seus poderes semelhantes aos quilambas, de conversar com as sereias, que ouviam a voz dos ancestrais, e de prever coisas e explicar o significado dos sonhos.

O poder desta velha escrava, que um dia serviu de cadeira para a Rainha Ginga, é tamanho que todas as pessoas em público ou em privado, ouvem seus conselhos, e Cristóvão acrescenta, “Não estarei exagerando muito se disser que Henda governa a cidade” (p. 203). A pitonisa alerta o narrador de Agualusa com suas premonições de que “os malufos seriam em breve expulsos de Luanda” (AGUALUSA, 2018, p. 223).

Henda serve sua rainha deixando-a sentar sobre si em um momento em que a embaixadora Ginga precisa mostrar que estava à altura de qualquer representante de Portugal. A ex-escrava não se sente humilhada e desvalorizada quando é deixada para trás. Ela aprende com Ginga a transformar as adversidades em resultados a seu favor. Os portugueses não sabem o que fazer com Henda, não sabem onde colocar a escrava deixada a sua sorte, colocam-na como cozinheira, camareira; a escrava abandonada orientava outros escravos nos salões palacianos portugueses, até chegar a chefe da cozinha. Henda recebe atribuições e responsabilidades à medida que mostra que é inteligente e capaz, mas também porque seus poderes sobrenaturais provocavam medo nos portugueses. Com o tempo e com a experiência de vida e de vivência, passa, de maneira a não chamar atenção sobre si, ser consultada pelos seus alvites junto ao poder português, pois tinha acesso livre por todos os cantos do palácio do governo português.

Henda modifica sua vida de escrava utilitária, usa seus conhecimentos espirituais e os adquiridos pela convivência com o poder português e passa a ser reconhecida e valorizada por sua fé e suas sábias palavras e conselhos. Mostra que é da mesma estirpe da Rainha Ginga, uma mulher, negra, inteligente e poderosa, que se faz ser respeitada veladamente.

A personagem de Agualusa, Muxima, é a esposa mais jovem de Domingos Vaz, que a ofereceu ao padre Francisco dizendo ser “costume nos sertões de Angola oferecer uma das mulheres, de modo geral a mais nova, aos forasteiros ou a alguém por quem se nutre particular afeto” (AGUALUSA, 2018, p. 23), como sinal de amizade.

Muxima, que significa em quimbundo coração, é “muito moça, de olhar meigo e extraordinária formosura” (AGUALUSA, 2018, p. 22). E era assim vista pelas pessoas próximas, principalmente pelo padre Francisco que se apaixonou por ela “sempre atenta e caridosa. Cuidando dos feridos [...]” (AGUALUSA, 2018, p. 63).

Após a guerra na qual os portugueses saíram vitoriosos e invadiram Quindonga, Muxima é mandada para Luanda e vendida para a senhora rica, Dona Marcelina Teixeira de Mendonça, que fez dela sua dama de companhia e a tratava como filha. A senhora morre e deixa toda sua herança para Muxima que agora se chama Inês de Mendonça.

O padre narrador do romance de Agualusa tenta resgatá-la, mas “Muxima não quer voltar – [...] sente-se feliz em Luanda. Dona Marcelina fez dela dama de companhia. Ensinou-lhe a falar português e está agora a ensiná-la a ler” (AGUALUSA, 2018, p. 104). A atitude de Muxima é de negar sua raça para sobreviver “A raça inferior nega-se como raça diferente. Partilha com a ‘raça superior’ as convicções, as doutrinas, e tudo que lhe diz respeito” (FANON, 2011, p. 280).

São duas pessoas diferentes, como diz o próprio ex-padre Francisco, pai de seu filho,

Com Muxima, ora a sentia muito próxima, a mesma mulher simples e tímida por quem eu me apaixonei, ora a sentia bruscamente alheada. Era a Muxima da ilha da Quidonga enquanto conversávamos em quimbundo sobre o passado. Era a Inês de Mendonça quando mudávamos para a língua portuguesa e ela me contava o que fizera, o muito que sofrera, para triunfar em Luanda. (AGUALUSA, 2018, p. 200).

Muxima nunca tivera nada de seu e “aquela nova vida parecia-lhe um somatório de faustos e excentricidades” (AGUALUSA, 2018, p. 205), contudo, teve de aprender a defender-se, pois havia escutado, em uma noite, quando foi satisfazer as necessidades do corpo atrás de uns capins, pois para isso dispensava a ajuda dos escravos, que dois homens a mando do capitão Antônio Dias Musungo queriam entrar na sua casa, “ter-me-iam saído ao caminho e furado o ventre à facada. Ou teriam fugido, e regressado na noite seguinte, para me degolar enquanto dormia” (AGUALUSA, 2018, p. 206). Os espíões de Musungo queriam matá-la, provavelmente porque Muxima é uma ex-escrava, mulher, negra, que passa de escrava a patroa e se torna uma comerciante respeitada em Luanda. Historicamente, o negro

Antônio Dias Musungo colaborava com os portugueses nas guerras contra os negros em Angola.

Quando os holandeses entram em Luanda, Muxima não pensa em partir como todos os outros, para ela era indiferente quem estivesse no poder. Aprendera com sua benfeitora, dona Marcelina, a não comercializar gente, apesar de ser lucrativo, de resto sua preocupação era que continuassem

a comprar-lhe o marfim, os couros, a cera, os finos panos de ráfia, que trazia com esforço de tão longe, ou a fruta fresca, os doces, o hidromel, que as suas quitandeiras comerciavam pelas ruas. Não gostava de guerras, porque as guerras lhe prejudicavam o negócio, beneficiando apenas quem comprava e vendia escravos. (AGUALUSA, 2018, p. 205).

Muxima mudara muito, sendo agora Inês de Mendonça, tanto fisicamente como também na sua maneira de agir, principalmente com seus subalternos: “O peso de seus passos anunciava-se ao longe. Vestia com luxo e ostentação. Nunca saía sem o brilho de muita prata. Raramente gritava, mas punha tanta autoridade na voz que era como se o fizesse mesmo sussurrando” (AGUALUSA, 2018, p. 246).

Mesmo com o seu marido, o ex-padre Francisco, em perigo de vida, pois os portugueses estavam prestes a entrar novamente em Luanda, Muxima se recusa a fugir, diz que conhece bem a cidade: “Aqui se esquecem facilmente os crimes de todos aqueles que têm dinheiro para comprar o esquecimento.” E que não era necessário temer a Igreja, pois ela, Inês de Mendonça, “posso mais que o bispo” (AGUALUSA, 2018, p. 267).

A personagem Muxima, de Agualusa, mostra-nos a evolução de uma mulher que primeiramente é tratada como objeto quando é dada para satisfazer os prazeres de um convidado. Satisfaz todas as necessidades deste conviva que é um padre que se torna seu amante. É mãe. Contudo, com todas as dificuldades que lhe aparecem, sempre sabe se posicionar e achar o seu lugar. Torna-se uma senhora respeitada pelo seu trabalho e consegue viver dignamente. Até o fim, Muxima faz as suas escolhas mesmo que isso significasse ficar longe de seu amor e de seu filho. Uma mulher com poder e força e que acredita em si. Muxima, no fundo, quando se torna a senhora Inês de Mendonça, abraça a cultura do invasor, a cultura europeia. É, digamos, uma assimilada *avant la lettre*, que decide desfrutar das vantagens de estar perto do poder branco e de suas benesses.

4.2. Matilde e Angélica Ricos Olhos, personagens de Pepetela

A personagem Matilde, filha de Van Dum e D. Inocência, é vista como uma vidente “muito bonita mas também muito bruxa, inclinada a visões e profecias (PEPETELA, 2000, p. 22). É Matilde que profetisa que “o pai estava a dar origem a uma linhagem notável, [...] uma gloriosa família (PEPETELA, 2000, p. 22).

Matilde faz suas próprias escolhas no que se refere a amores sem nenhum tipo de preconceito, tem interesses variados que inclui até um “belo jesuíta já um pouco entrado em idade embora ainda vigoroso” (PEPETELA, 2000, p. 41). E tem suas artimanhas para escapar dos cuidados paternos: “bocejava, deitada numa rede, na varanda das traseiras. Tinha um encontro secreto com um oficial francês, mas ainda era muito cedo para escapar sorrateiramente da sanzala” (PEPETELA, 2000, p. 47). Não se importa em seguir regras sociais e as leis de Deus e sai às escondidas para encontrar-se com seus pretendentes: “ria e dizia assim é que é bom, tem de haver segredo para se ter prazer” (PEPETELA, 2000, p. 48).

Matilde acha injusto como a mãe, D. Inocência trata Catarina, sua meia-irmã, não deixando esta participar da vida social da família e até excluindo-a. Matilde questiona: “A Catarina não vai ao casamento do irmão? [...] Onde já se viu?” (PEPETELA, 2000, p. 96). Matilde insiste “nem mesmo a igreja?” (PEPETELA, 2000, p. 96), no que recebe a resposta de que escravo não vai em casamentos.

As atitudes de Matilde não passam despercebidas, como vemos nas palavras do personagem holandês major Tack: “sua encantadora filha tem muito sucesso junto dos meus oficiais, já reparou, amigo Van Dum?” (PEPETELA, 2000, p. 104). Deixando Baltazar surpreso com as atitudes da filha, “na forma desinibida como Matilde ria no meio dos homens” (PEPETELA, 2000, p. 104), visto que não são atitudes esperadas de uma jovem nesta sociedade patriarcal.

Matilde sabe se fazer temida pelo capataz de seu pai, ele “também [...] sabia dos poderes da menina, quem na sanzala não conhecia? (PEPETELA, 2000, p. 122). Ela resolve a sua maneira o fato de, a mando do pai, ser seguida e vigiada pelo capataz,

esse não mete medo. Pois o maldito, como dizes, já descobriu há muito tempo. Mas não abrirá a boca. Percebi que ele vinha atrás de mim, logo da primeira vez. Uma intuição, sabes como é, das que eu tenho. E lhe avisei, se vires alguma coisa e se quiseres contar alguma coisa do que vires, eu faço de maneira que só cobras vão sair da tua boca, até morreres. (PEPETELA, 2000, p. 122).

Matilde, como a Rainha Ginga, é a preferida do pai, pois, mesmo ficando grávida antes de casar, Van Dum a admira,

a tua irmã ao menos enfrenta as coisas, quando viu que não conseguia convencer o tenente, veio ter comigo e abriu o jogo, eu não soube por terceiros, soube por ele, isso é muito importante, revela carácter, quem me dera que todos vocês o tivessem (PEPETELA, 2000, p. 141).

Mesmo casada, Matilde sente falta de aventura e trai seu marido, pois “ele era um bom marido e pai, apenas um mau amante” (PEPETELA, 2000, p. 157). Arrepende-se diante do sofrimento do marido que preferiu voltar para a Holanda e sofre um naufrágio, pelo que “Matilde ficou viúva, pelo menos ela logo se considerou” (PEPETELA, 2000, p. 177). A bela feiticeira tinha a intuição de que sua família seria famosa no futuro: “Uma família gloriosa é isso mesmo, resolve problemas de forma que nunca fica esquecida” (PEPETELA, 2000, p. 302).

Baltazar julga Matilde “licenciosidade demais” (PEPETELA, 2000, p. 285), pois “como Matilde, uma viúva respeitável, trazia um homem que mal conhecia, para ser apresentado à família? Não se fazia. Desta vez parecia que Matilde queria levar as coisas a sério e segundo os costumes do decoro” (PEPETELA, 2000, p. 285). Contudo o pai reconhece que sua filha “agora era uma mulher madura e mãe” (PEPETELA, 2000, p. 285). A profetisa Van Dum é discriminada pelo próprio pai que a critica de não seguir as regras patriarcais, que não admitem que uma mulher tome a liberdade de convidar um homem para conhecer sua casa e sua família. E como a atrevida filha de Baltazar já tem fama e antecedentes que a condenam, fica difícil perceber que a filha havia crescido e amadurecido com tudo o que aconteceu no seu casamento. Todavia, isto não quer dizer que Matilde mudaria sua essência que é a de uma mulher que sabe o que quer e que regras seguir. A bela Matilde é bruxa, feiticeira, aventureira, conselheira, preocupada com a família e não aceita que o lugar da mulher se limite a conversas e cuidados das coisas do lar.

Outra personagem de Pepetela que merece nossa atenção como tendo o espírito da Rainha Ginga é Angélica Ricos Olhos, que chega de barco desterrada do Brasil e torna-se “logo centro de interesse na cidade” (PEPETELA, 2000, p. 319). Não passa despercebida a “mulata de peruca loura que bebia numa mesa de homens barulhentos” (PEPETELA, 2000, p. 325). O narrador comenta que

a aparência era realmente impressionante. Mulher alta, bem feita, e com um par de mamas a querer fugir do decote. Mas o mais notável eram os ricos olhos do nome. Nunca tinha visto uma pessoa tão estrábica. O olho esquerdo olhava totalmente para a esquerda e para baixo, enquanto o direito olhava totalmente para a direita e para cima (PEPETELA, 2000, p. 325).

Angélica Ricos Olhos é filha de um português com uma escrava. Ricos Olhos não fazia referência a sua deficiência visual, mas era o apelido da família de seu pai. Sempre foi bem tratada pelo pai, todavia é expulsa de casa depois que este morre. Tendo que sobreviver, se une a um soldado holandês da guarnição do Recife que, quando bebe, a trata mal, agredindo-a e humilhando-a por causa da sua deficiência. Ele a trai, mas Angélica reage,

Quando conheceu o nome da rival, Angélica foi a casa dela e lhe bateu com um pau até tornar o rosto da outra numa coisa disforme. Aquela flamenga nunca mais haveria de chamar a atenção de nenhum homem, se gabou à vizinhança. O que provocou uma carga de pancada dada pelo amante. Mas o caso não teve repercussões legais, porque a agredida era de baixa condição social, e o par se harmonizou depois da surra dada pelo soldado. Mas este pelos vistos não tinha cura. Numa bebedeira ameaçou Angélica de a pôr na rua se não endireitasse os olhos. E que apanharia na rua a primeira mulher não vesga para a meter em casa. A rapariga já estava farta de humilhações e aproveitou o sono embrutecido dele para lhe espetar umas facadas na barriga para ele aprender o respeito devido a senhoras, conforme alegou no julgamento. O soldado já não acordou. Ela foi presa e condenada ao degredo para Angola, onde havia pungente falta de mulheres. (PEPETELA, 2000, p. 325-326).

Angélica Ricos Olhos “tinha vindo dias antes do Brasil, desterrada” (PEPETELA, 2000, p. 325), sua vida não é fácil desde a infância, pois, sendo filha de uma escrava e mesmo reconhecida pelo pai, é maltratada pela madrasta. Une-se a um soldado alcoólatra que a humilha, zomba de sua deficiência e a agride física e verbalmente. A violência que sofre ensina Angélica a resolver seus problemas também com violência. Bate até desfigurar a amante do companheiro, assim se igualaria a sua deficiência, e depois mata seu algoz. Em vez de aceitar o papel da vítima de uma sociedade injusta, rebela-se de forma agressiva, tornando-se ela própria em agressora. É uma reação extrema à humilhação sofrida. E essa humilhação tem novamente a ver com a interseccionalidade. Vários mecanismos de opressão conjugam-se no caso dela: é mulher, é mestiça e é estrábica (portanto, tem uma mácula física). Angélica não se vitimiza, ao contrário, transforma-se em uma mulher dura e realista.

O personagem Ambrósio, filho de Van Dum, fica fascinado por Angélica, aproxima-se dela e passa a noite com ela. O pai não aprova: “essa desterrada, não vês logo que é

perigosa?” (PEPETELA, 2000, p. 327). Ambrósio responde ao pai: “Cometeu um erro, já pagou por ele. Vamos ficar a castigá-la sempre? Aqui ela é uma cidadã como outra qualquer” (PEPETELA, 2000, p. 327). Baltazar Van Dum é duplamente preconceituoso com Angélica: primeiro por ela ganhar a vida se prostituindo e, segundo, pela sua deficiência ocular, pelo que provoca o filho: “Mas já consegues descobrir sempre para onde está ela a olhar?” (PEPETELA, 2000, p. 327). Ambrósio com sua sensibilidade vê que “Angélica é meiga para quem a trata com respeito” (PEPETELA, 2000, p. 327). Ambrósio, apaixonado por Angélica, encontra nela “algo para além da aparência física e do prestígio social” (PEPETELA, 2000, p. 327).

Angélica Ricos Olhos é uma mulher de temperamento forte, segundo o irmão de Ambrósio, “senhora de temperamento conflituoso, já se envolvera numa briga de mulheres na bodega [...] e continuava ali a arranjar clientes com quem se deitava” (PEPETELA, 2000, p. 328). Contudo, para Ambrósio, “ela precisava de enganar a fome e por tanto tinha de procurar quem lhe desse dinheiro, mas aspirava a uma mudança de vida” (PEPETELA, 2000, p. 328).

Angélica Ricos Olhos confessara a Ambrósio que queria mudar de vida “não queria outra coisa, estava farta de aturar aqueles mafulos a cheirarem a cebola” (PEPETELA, 2000, p. 328). Todavia Ambrósio ainda dependia do pai e não conseguia sustentá-la.

Em Luanda só se fala sobre o relacionamento de Ambrósio com Angélica,

[N]a paixão que o seu filho Ambrósio tem por essa mulata degredada, que matou um holandês. Isso cai mal. Prostituta é para ir para a cama uma vez, duas, quando se precisa. E pára aí. Não é o caso com o Ambrósio, segundo se comenta. Ele já andou à pancada com um mafulo que a insultou. Não se faz isso por causa de uma quilata. (PEPETELA, 2000, p. 331).

Baltazar procura evitar de encontrar Angélica, pois “o medo era [...] de Angélica estar numa roda de homens, procurando abertamente cliente. Sim, isso era muito mais chocante” (PEPETELA, 2000, p. 334). Todavia um dia, relata o narrador de Pepetela,

passámos por Angélica Ricos Olhos que comprava fubá de bombó. Ela virou a cara na direcção da rede do meu dono e baixou a cabeça em cumprimento, pelos vistos sabia quem ele era. Os olhos, virados para todos os lados, abarcavam no entanto o mundo. Baltazar não correspondeu à saudação,[...] talvez Angélica não soubesse de quem se tratava, apenas o tinha visto na taberna daquela vez que fulminou Ambrósio. Mas toda a gente bem educada

cumprimentava por hábito o passante numa rede, pois quem assim se faz transportar é um senhor, merece deferência. (PEPETELA, 2000, p. 335).

Com o ocorrido, Baltazar fica furioso e diz a Ambrósio que este relacionamento dele “com essa mulata degredada” (PEPETELA, 2000, p. 335), não podia continuar. Ambrósio questiona o pai: “Desde quando uma ligação entre dois mulatos é escândalo?” (PEPETELA, 2000, p. 335). O pai o lembra: “És um Van Dum e, por isso, o caso tem importância, sejas mulato ou não (PEPETELA, 2000, p. 336).

Ambrósio pede ao pai que deixe ele trazer Angélica para morar com ele na sanzala, mas Baltazar recusa e expulsa o filho de casa, “[p]orquê? Porque gosto de uma mulher que lhe não convém. Que se saiba, estou a ser expulso por amor de uma mulher puta e degredada” (PEPETELA, 2000, p. 337). Ambrósio vai morar com Angélica na pequena casa onde ela recebe seus clientes.

Angélica sente-se insultada e não aceita a atitude de Baltazar e, prometendo vingança, procura a temível feiticeira, “todos sabiam que a tia Anita era mesmo uma grande feiticeira, perita na arte de provocar mortes e desastres nos que de algum modo perturbavam os seus clientes” (PEPETELA, 2000, p. 339).

A vingança de Angélica Ricos Olhos não era mortal, segundo Ambrósio: “Angélica levou uma galinha e dinheiro, encomendou o serviço. Mas [...] a amante fora condescendente, não pedira a morte nem doenças, apenas sinais de aviso” (PEPETELA, 2000, p. 339-340), pois ela o queria como futuro sogro. Todavia “convinha mesmo que Baltazar fosse posto ao corrente da ameaça, para acreditar que ofendera mortalmente Angélica Ricos Olhos, cuja raiva só passaria com um pedido formal de desculpas” (PEPETELA, 2000, p. 340).

Foram quatro os sinais. o primeiro sinal:

Um armário de madeira maciça da sala de jantar começou a tiritar de frio, fazendo tilintar os raros cristais que repousavam no seu interior. Baltazar olhou para o outro armário, mais pequeno, que ficava no corredor da sala. Tranquilo e mudo, como convinha a um armário. Se a terra tremesse, os dois móveis teriam o mesmo comportamento [...]. (PEPETELA, 2000, p. 340).

O personagem Baltazar diz que não é um português supersticioso e faz pouco caso do que acontece com o armário, dizendo que são só carunchos. O segundo sinal acontece:

o candeeiro da sala explodiu quando estavam a jantar, espalhando óleo inflamado por todos os lados. Enquanto os homens apagavam os pequenos fogos nos móveis, no soalho e nas toalhas, Matilde e as outras mulheres rezaram com devoção, tentando aplacar o que parecia ser a primeira das maldições. Ou teria sido a primeira que levou o armário a estremecer na véspera? (PEPETELA, 2000, p. 340).

A justificativa de Baltazar é de que o candeeiro está velho e ralha com as mulheres que tinham ficado assustadas com a cena. Acontece o terceiro sinal:

Ouvi um barulho de algo a ser rasgado. [...] Que coisa era essa que se rompia? Baltazar compreendeu [...] quando bateu com a bunda no chão da varanda, tendo passado pelo buraco enorme que se abria na rede. Matilde deu um grito, quando viu o pai caído no chão. (PEPETELA, 2000, p. 344).

A personagem Matilde, filha de Baltazar, alerta o pai de que eram os sinais da vingança de Angélica que estavam ocorrendo, visto que a futura nora estava se sentindo muito ofendida pelo futuro sogro. E finalmente o último sinal de alerta para Baltazar, “[A] meio do jantar, quando Baltazar pegou pela segunda vez na jarra de vinho para se servir, ficou com a asa na mão. O vinho se espalhou pela mesa, provocando gritos e lamentos” (PEPETELA, 2000, p. 346). Desta vez Baltazar fica assustado, mas não quer ceder e continua teimando, até que Hermenegildo, seu outro filho, lembra o pai de que até agora a vingança é inofensiva e que isto pode mudar.

Angélica Ricos Olhos só queria “ser tratada como uma pessoa normal. Arranjei a profissão que me obrigaram e obrigam a ter, não fui eu que a escolhi” (PEPETELA, 2000, p. 342). Ela também queria que Baltazar pedisse “desculpas por ter posto Ambrósio na rua e me ter insultado” (PEPETELA, 2000, p. 342). Angélica Ricos Olhos não aceita mais ser discriminada e desvalorizada, principalmente pelo pai do seu companheiro e conforme diz seu cunhado Hermenegildo: “No fundo, no fundo, Angélica aspira à paz” (PEPETELA, 2000, p. 342). Hermenegildo também percebe que “as aparências enganam, ela tem alguma beleza, logo que nos habituemos aos ricos olhos trocados. Vistos um a um até não são feios e mostram alguma meiguice. Começo a entender o Ambrósio” (PEPETELA, 2000, p. 342).

A personagem Angélica é uma mulher que sofre discriminações e rejeições desde a infância, e assim aprendeu a criar mecanismos de defesa e agora adulta não aceita ser maltratada e desrespeitada por ninguém. Luta pela sua sobrevivência com os meios que são possíveis para ela nesta sociedade patriarcal. Mesmo querendo entrar para a família de Baltazar, ela não aceita mais ser humilhada. Angélica, assim como a Rainha Ginga, é uma mulher que não se deixa intimidar.

Estátua em honra à Rainha Ginga e em comemoração aos 27 anos de independência de Angola em 2002.



Figura 2 – Estátua da Rainha Ginga

5. As 'rainhas Gingas' de outros países africanos, casos históricos

Percebemos casos semelhantes ao da Rainha Ginga, inspirados nela ou não, em que mulheres africanas enfrentam o poder patriarcal e assumem um papel de protagonistas na história de seus países. É o caso das históricas rainhas africanas: Nandi Ka Bhebhe (África do Sul), Ranavalona I (Madagascar), e Yaa Nana Asantewaa (Gana). Adicionalmente, referiremos um caso anterior à Rainha Ginga, o de Amina (Zaria). Este capítulo está baseado no trabalho sobre as rainhas trágicas: *Rainhas da África*, do pesquisador brasileiro, escritor e historiador, Renato Drummond Tapioca Neto.

5.1. Nandi Ka Bhebhe, rainha-mãe do reino Zulu

Segundo Tapioca Neto, a história de Nandi Ka Bhebhe, “mãe do rei Shaka de Zulu, que criou seus filhos sozinha, convicta na crença de que era possível construir uma unidade entre os povos vizinhos” é pouco conhecida (TAPIOCA NETO, 2020).

Nandi, filha de Bhebhe, um dos chefes do povo Elangeni (Mhlongo), nasceu entre 1760 e 1767, ou seja, quase dois séculos depois de Ginga. A jovem chamava a atenção pela sua beleza e irreverência. Fica grávida de Senzangakhona, filho do rei Zulu, cujo reino pertence ao território que hoje é a África do Sul. No entanto, o príncipe não reconhece a paternidade, chegando a dizer que Nandi sofria de uma doença provocada por um besouro chamado Shaka, cujos sintomas eram os mesmos de uma gravidez. Em 1787 nasce o filho de Nandi, o qual recebe ironicamente o nome de Shaka.

Rejeitada, desacreditada e humilhada, Nandi decide cuidar sozinha de seu filho, criando-o para ser um líder e possivelmente um futuro rei dos Zulus. Ela teve outra criança, uma menina chamada Nomcoba. Mãe solteira, Nandi passa dificuldades para criar e alimentar seus filhos. E também precisa proteger Shaka de ser assassinado. O jovem cresce e aprende com soldados locais táticas de guerra concluindo sua formação.

Senzangakhona morre em 1816, Shaka enfrenta seu meio-irmão e assume o comando dos Zulus. Deste modo, Nandi Ka Bhebhe passa a ser a rainha-mãe e, tendo grande influência nas decisões do filho, torna-se sua principal conselheira, como Ginga era também conselheira do seu irmão, o rei Ngola Mbandi. A rainha-mãe, à semelhança de Ginga, apostava na diplomacia. Portanto preferia não fazer uso da violência para resolver os conflitos entre os povos vizinhos e com os colonizadores europeus.

A rainha-mãe morre em 1827 e o reino passa por um grande tempo de luto. O povo Zulu se inspira na força de Nandi como mulher e mãe que não aceitou os mandos do patriarcado. O túmulo de Nandi ainda hoje pode ser visitado na cidade de Eshowe, na África do Sul. Mesmo não tendo sido rainha e por isso não tendo executado o poder diretamente, como Ginga, Nandi Ka Bhebhe é uma das poucas mulheres africanas veneradas como uma ancestral que confere identidade ao seu povo.



Figura 3 – Nandi Ka Bhebhe

5.2. Ranavalona I, rainha do reino de Imerina

Ranavalona I nasceu com o nome de Ramavo em 1788, portanto, sensivelmente na mesma época que Nandi, em uma família de ascendência indonésia no reinado de Adrianampoinimerina, governante de Imerina, uma região central de Madagascar. O pai de Ramavo salvou o rei de um atentado e como agradão o soberano adotou a menina.

Com a morte do rei, seu filho Radama I, que se casara com Ramavo, assume o poder. Seu reinado é marcado pela abertura de portos para o comércio com os europeus, principalmente com os ingleses, pois desejava continuar expandindo seu reino. O novo rei concordara também com a presença de missionários e seu modelo cristão de educação.

Radama I morre sem deixar herdeiros, pois não teve filhos com sua esposa Ramavo. Seu sobrinho, o príncipe Rakotobe, deveria substituí-lo, mas este não tinha o apoio dos chefes e dos nobres tradicionalistas devido às suas ideias de continuar com a política do tio de abertura do país. Receando ser morto, Rakotobe planeja matar Ramavo, pois ela tinha o apoio dos tradicionalistas. Ramavo descobre o plano e manda matar o sobrinho e toda a família, assim como todos os seus adversários políticos. Este fato lembra o ocorrido com Quizua Quiazele, filho da Ginga, referido no romance de Agualusa:

[...] teria sido afogado nas confusas águas do rio por escravos ao serviço do seu tio, Ngola Mbandi. [...] o rei Ngola Mbandi receava que a Ginga o tentasse matar, substituindo-o no trono pelo sobrinho, e reinando através dele. (AGUALUSA, 2018, p. 46).

E, como já mencionamos, Ginga faz o mesmo com seu sobrinho, filho de Ngola Mbandi, para se tornar rainha. Este tipo de violência é recorrente não só na África, mas, desde que o mundo é mundo, este tipo de artimanha é usado nas lutas pelo poder.

Com o apoio dos tradicionalistas, Ramavo assume o trono. Passa a se chamar Ranavalona I, rainha do Reino de Imerina da Ilha de Madagascar (1828 – 1861). Assim que assume o poder, muda a política do falecido rei no que se refere às alianças com Inglaterra e França.

A política de Ranavalona visou notadamente à salvaguarda da independência de Madagascar e, sobretudo, a preservação das instituições, das tradições e dos costumes nacionais da influência estrangeira. Isso significava, em termos de política estrangeira, distanciar-se da Inglaterra, principalmente do ponto de vista político e religioso. (AJAYI, 2010, p. 490).

Seu reinado se estende por 33 anos, o mais longo da história de sua dinastia e foi um marco na luta contra a invasão política e cultural da Europa. Para os colonizadores a rainha Ranavalona I é vista como ditadora, tirana, louca e cruel, no entanto, já no seu discurso de coroação em 1829 a soberana defendia o poder feminino.

Nunca diga: ‘ela é só uma mulher fraca e ignorante, como ela pode governar tão vasto império?’. Eu governarei aqui, para a boa sorte de meu povo e para a glória do meu nome! Não adorarei deuses além daqueles dos meus ancestrais. O oceano será o limite do meu reino, e eu não cederei sequer a espessura de um fio de cabelo dele. (apud LAIDLER, 2005, s/p).

A rainha faleceu enquanto dormia, no palácio de Manjakamiadana Rova, em Madagascar, em 18 de agosto de 1861. Sua memória é lembrada pela banda brasileira Olodum na música “Ranavalona – Bravuras Malgaxes” (1988).



Figura 4- Ranavalona I

5.3. Yaa Nana Asantewaa, rainha da nação Ashanti de Gana

Conforme a historiografia, Yaa Nana Asantewaa nasce já no século XIX, na década de 1840, integrante da realeza do clã Besease (centro de Gana), pertencendo à linhagem de bancos⁵ de Edweso. Na infância era vista como habilidosa e interessada pela agricultura e pela administração local. Quando seu irmão, Kwasi Afrane, se torna rei de Edweso, Yaa Nana é dada em casamento a Owusu Kwabena, sétimo neto do rei Osei Yaw Akoto, que governou Ashanti de 1824 até 1834. É, anos depois, nomeada rainha-mãe de Ejisu pelo seu irmão. Para

⁵ Bancos também chamados de tamboretas (sese dwa) eram usados por chefes ou governantes distritais. Algumas mães e soberanas que tinham influência junto ao rei também podiam assentar nele, pois elas contribuíam para a melhoria das políticas públicas e podiam participar na qualidade de regentes. Disponível em: <https://rainhastragicas.com/> Visto em 15.09.23.

os Ashanti, a rainha-mãe é aquela por quem a descendência real é reconhecida e, portanto, exerce um poder considerável.

Em 1900, Yaa Asantewaa liderou a resistência contra o império britânico na Guerra conhecida como Tamborete ou Trono de Ouro que era símbolo da nação Asante. Vendo que alguns chefes concordavam, por não verem outra saída, com os termos de rendição enviados pelos ingleses, Yaa Asantewaa diz firmemente

Agora eu vi que alguns de vocês temem avançar para lutar por nosso rei. Se fossem os bravos dias de Osei Tutu, Okomfo Anokye e Opoku Ware I, chefes não se sentariam para ver seu rei ser levado sem disparar um tiro. Nenhum homem branco ousaria falar com o chefe de Asante da maneira como o governador falou com vocês, chefes, esta manhã. É verdade que a bravura de Asante não existe mais? Eu não posso acreditar nisso. Não pode ser! Devo dizer o seguinte: se vocês, os homens de Asante, não avançarem, nós iremos. Chamarei minhas companheiras. Lutaremos contra os homens brancos. Lutaremos até que o último de nós caia no campo de batalha. (ANOBA, 2019).⁶

Em homenagem à memória da rainha Yaa Asantewaa foi criado um museu na localidade de Ejisu, no Gana, no ano 2000. Neste museu foram expostas peças de roupas da rainha, assim como uma carapaça de tartaruga, onde a rainha comia suas refeições. Contudo, um incêndio destruiu o museu em 2004, estando ainda em ruínas. E, também, para preservar a memória da rainha, uma das melhores escolas secundárias do sexo feminino no Gana recebeu o seu nome, além de existirem também filmes, músicas e poesias (WABA, 2018).

⁶ Now I have seen that some of you fear to go forward to fight for our King. If it were the brave days of Osei tutu, Okomfo Ankoye and Opuku Ware, Chiefs who would not sit down to see their King taken without firing a shot, no white man could have dared to speak to the Chief of Asante in the way the governor spoke to you Chiefs this morning. Is it true the bravery of the Asante is no more? I cannot believe it. It cannot be. I must say this. If you the men of As- ante will not go forward, then we will. I shall call upon my fellow women. We will fight the white men. We will fight till the last of us falls on the battlefield (OFORKA, 2015, p. 135-136).



Figura 5- Yaa Asantewaa

5.4. Amina, rainha de Zazzau

Recuando ao tempo anterior ao nascimento de Ginga, cabe referir o caso de Amina, rainha de Zazzau. Amina nasceu provavelmente em 1533, em Zazzau, hoje cidade de Zaria no estado de Kaduna, na Nigéria. Era a mais velha de três irmãos, filha de Bakwa de Turunku, monarca mais influente da localidade e que educou Amina para ser uma líder. O avô de Amina já notara as habilidades da neta e a deixava participar nos conselhos de guerra e em reuniões de chefes. Com a morte do pai em 1566, seu irmão mais novo, Karama, assume o trono, porém morre depois de dez anos no poder. Deste modo, aos 43 anos, Amina torna-se a rainha reinante de Zaria.

De acordo com Tapioca Neto, Amina era bem aceita na sua gente e nas forças armadas, pois treinara com eles na sua juventude e compartilhara boas lições. A rainha tinha fama de guerreira destemível que já havia ultrapassado os seus domínios. Ela reinou por 35 anos, trouxe avanços econômicos e militares para seu povo. Expandiu seu território até Nupe e Kwarafa em uma luta liderada pela própria rainha que comandava 20.000 soldados de infantaria. Morre em 1610.

Historicamente, Ginga e Amina têm muito em comum, ambas são educadas desde pequenas à liderança, e Amina como a Rainha Ginga torna-se rainha reinante na idade madura, aos 43 anos. E a duração de seu reinado também se assemelha ao da soberana de

Ndongo e Matamba, são 35 anos, cinco anos a menos que a Rainha Ginga. Eram guerreiras e atuaram na frente de batalhas para defender os seus, mesmo com a idade avançada.

A rainha Amina ordenou a construção de um muro defensivo em torno de Zaria, que ficou conhecido como “muros de Amina”. As ruínas do palácio de Amina e dos campos de treino militar podem ser vistas até hoje na cidade de Zaria. A rainha Amina é lembrada como uma das maiores lideranças femininas, surgida no século XVI, no continente africano. Sua memória é lembrada em esculturas, pinturas, selos postais e em obras de literatura infantil e juvenil.



Figura 6- Rainha Amina

As rainhas: Nandi Ka Bhebhe, Ranavalona I, Yaa Nana Asantewaa e Amina têm muito em comum com a Rainha Ginga, como, a bravura, a determinação, a perseverança, a liderança e algumas até o tempo de reinado. Todas lutaram para defender o seu povo contra colonizadores e se empenharam pela manutenção de suas identidades. São mulheres, rainhas africanas, que devem ser lembradas e revisitadas para que as gerações futuras se reconheçam nelas e sempre obtenham um ensinamento de vida.

6. As 'rainhas Gingas' dos séculos XX e XXI

6.1. As 'rainhas Gingas' no cinema, a sétima arte

A sétima arte representa a história e a vida de duas importantes rainhas africanas: a Rainha Ginga e Amina. O primeiro filme com o título: *Njinga, Rainha de Angola*, é uma produção angolana, produzida pelo cineasta português Sérgio Graciano e com o roteiro de Joana Jorge. O filme foi produzido em 2013 com a produção de Coréon Dú (José Eduardo Paulino dos Santos), Sergio Neto e Renato Freitas (II) e tem duração de 108 minutos. Estreou nos cinemas em Angola em novembro de 2013, no Brasil em março de 2014 e em Portugal em julho de 2014. O filme conta a história de Ginga antes e depois que se tornou rainha do seu povo e suas lutas para manter seu poder contra o colonialismo português (FRANÇA, 2016).

De acordo com Wieser, o filme “procura dignificar uma personagem histórica que tinha sido delineada pelos europeus com as mais escuras cores, e assim criar uma memória africana-angolana - positiva, autoconfiante (WIESER, 2017, p. 97).

Em 2015, *Njinga, Rainha de Angola* ganhou dois prêmios na African Movie Awards: Melhor Caracterização e melhor Atriz Principal com a atriz Lesliana Pereira representando a Rainha Ginga. Lesliana foi também Miss Angola em 2008.

Estreou na Netflix, em 15 de fevereiro de 2023, uma série documental sobre as Rainhas Africanas com produção e narração de Jada Pinkett Smith, roteiro da queniana Peres Owino e da diplomata britânica Nnwnne Iwuji⁷ (HENRY, 2020), e produção executiva de Maxine Watson. O filme foi dirigido por Tina Gharavi, Ethosheia Hylton, Susannah Ward, Victoria Adeola Thomas (MACHOZEKI, 2023). A primeira temporada de quatro episódios é sobre a Rainha Ginga, escolhida por não ser uma rainha africana muito conhecida e por possivelmente poder despertar mais interesse do público, pois, segundo Watson, a Rainha Ginga é venerada pelos angolanos e pouco reconhecida em outros países. O documentário conta a história de Ginga através de entrevistas com especialistas e dramatizações. O papel de Ginga é representado pela atriz afrodescendente Adesuwa Oni. E a produtora é a Westbrook, fundada por Jada e seu marido, Will Smith. A série surgiu do questionamento da filha do casal, Willow Smith, que perguntou quem eram as rainhas africanas e por que elas não eram conhecidas. (GUIMARÃES, 2023).

⁷ A Sra. Nne Nne Iwuji-Eme é a primeira diplomata de carreira negra britânica a ser nomeada Alta Comissária em 2018 e permaneceu na função de Alta Comissária Britânica para a República de Moçambique até 2022. Disponível em: <https://www.gov.uk/government/people/nnenne-iwuji-eme>
Acesso em 30.06.2023.

Contudo, este documentário sobre a Rainha Ginga sofreu críticas e o lançamento de uma petição por parte do ator e produtor angolano Sílvio Nascimento para que não fossem feitos os episódios sobre Ginga. As queixas de Nascimento prendem-se ao fato de que atores e produtores angolanos não foram convidados a participar de uma obra que quer contar uma parte tão importante da história de Angola. Nascimento lembra que a Netflix rejeitou o filme *Njinga, Rainha de Angola* realizado em 2013 justificando que a plataforma não tinha interesse. Todavia, o jornalista angolano Raimundo Salvador estranhou a atitude de uma petição e o apoio que esta recebeu por parte de jornalistas e artistas. Para Salvador o documentário só tem a valorizar e divulgar internacionalmente uma parte da história angolana na figura grandiosa da Rainha Ginga (Agência Lusa, 2021).

Alberto Oliveira Pinto também faz algumas observações e críticas ao filme. Primeiro o historiador comenta que a reconstituição das figuras, guarda-roupas e cenários estariam de acordo com aquela época. E que a composição da Rainha Ginga, na atuação e na figura de Adesuwa Oni, confere com seu imaginário da Rainha Ginga real. Outro ponto que Pinto observa é que o ornamento sobre a cabeça da Rainha Ginga, a coroa, não corresponde ao que seria a Kijinga, coroa real de Ginga, que deveria ser de ráfia e não esta de estilo europeu. Ademais, Pinto criticou o fato de o filme se basear em uma premissa errônea de que a Rainha Ginga se opunha à escravatura e ao tráfico de escravos, e que no seu reino não havia escravo – na realidade a Rainha Ginga pretendia assegurar o papel do seu Estado no comércio de escravos e outras mercadorias na rota do rio Kwanza. Outro fato importante que o historiador relata é que os príncipes da aristocracia do Ndongo, independente do gênero masculino ou feminino, recebiam educação, ensino, nos quais poderiam escolher aprender uma língua estrangeira e, Ginga sendo uma jovem pertencente à aristocracia escolhe, aprender a falar e escrever em português por causa das possíveis negociações no comércio no Atlântico. Isto também mostra, segundo Pinto, que havia igualdade de gênero naquela época (PINTO, 2023).

Polemicas à parte, o importante é que a história de Angola e da Rainha Ginga seja cada vez mais visitada e conhecida, não só em Angola, mas no mundo todo, pois esta rainha lendária só traz orgulho para seu povo e seus descendentes. Todas as mulheres negras espalhadas pelo mundo têm um pouco da Rainha Ginga certamente, só é necessário lembrá-las disto.

Amina é outra rainha que entrou para as telas do cinema. O filme *Amina* é um longa-metragem épico nigeriano de 2021, dirigida por Izu Ojukwu, um premiado diretor nigeriano, e com roteiro de Okey Ogunjiofor e Frank Chinedu Uba, com duração de 105 minutos (MACHOZEKI, 2021). O filme conta a história de Amina que, desconsiderando os costumes

da época, pede ao seu pai, o rei de Zazzau, para que a deixe aprender a lutar como os soldados do reino. Segundo a crítica a história ressalta o respeito e a valorização das religiões e das práticas espirituais nas decisões e no destino de muitas nações (MONTENEGRO, 2021).

O elenco contou com Lucy Ameh, atriz nigeriana, como Amina, e com Clarion Chukwura como Zumbura (AUGUSTO, 2021). Clarion é a primeira atriz nigeriana a ganhar o prêmio de Melhor Atriz no Festival de Cinema FESPACO de 1985 no Burkina Faso (NGWAN, 2022).

Estranhamente, a produção de Amina começou em 2015, tendo seu primeiro trailer divulgado em 2017. E só estreou em 2021, depois de longas negociações com a Netflix. O longa-metragem não teve o orçamento de um filme de Hollywood, não conta com cenas gigantescas e efeitos especiais, no entanto os personagens são bem construídos e os atores foram bem aceitos pelo público. Amina, apesar das restrições de recursos, é capaz de despertar um sentimento de orgulho nos nigerianos ao verem sua história contada e mostrada não só no seu país como também em outros continentes (RESENDE, 2021).

Estes três filmes nos contam um pouco mais destas rainhas africanas e de seus países, é de se esperar que mais filmes sejam feitos sobre elas, para conhecermos e valorizarmos estas mulheres que defenderam seu povo, suas crenças e deixaram para a posteridade um exemplo, a ser seguido, de dignidade e respeito para com os africanos. Uma vez que os filmes tornam populares estas personagens históricas de uma outra maneira que a literatura e fazem chegar a um público mais amplo que, nos dias de hoje, é mais habituado a consumir produções audiovisuais – que prometem entretenimento, além de informação histórica -, que a ler romances.

6.2. As 'rainhas Gingas' no Carnaval Brasileiro

A história da Rainha Ginga atravessa o Oceano Atlântico, vindo junto com os escravos que vieram trabalhar nas lavouras do Brasil colonial. E o Carnaval, sendo a maior festa popular brasileira, frequentemente traz como tema, em escolas de samba, a vida da Rainha Ginga para memorar seu legado. Conforme Barbosa,

O samba-enredo representa a forma mais contundente da resistência cultural da população afro-brasileira, ao trazer para a Avenida elementos de ligação entre os dois mundos: África e Brasil. (BARBOSA, 2014, p. 150).

No carnaval brasileiro “mais do que uma agremiação cultural, as escolas de samba atuam como ‘elementos de formação educacional extra-classe’, sendo responsáveis, em diversos momentos, pela formação cultural e crítica das populações brasileiras” (BARBOSA, 2014, p. 150). É a festa do povo, a festa da cultura afro-brasileira que é vista e admirada pelo mundo todo.

Entre 2007 e 2019, algumas academias de samba do Rio de Janeiro, denominadas oficialmente Grêmios Recreativos Escola de Samba (G.R.E.S), cantam e contam a história de resistência e liberdade da Rainha Ginga: G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis, G.R.E.S. Império da Tijuca, G.R.E.S. Dificil é o Nome, G.R.E.S. Acadêmicos do Dendê, G.R.E.S. Acadêmicos do Engenho da Rainha, G.R.E.S. Império da Uva. A primeira escola a ser citada é o G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis que em 2007 se apresentou com o samba-enredo “*Áfricas: Do berço real à corte brasileira*” (letras.com/beija-flor), uma composição de Carlinhos Do Detran, Cláudio Russo, Gilson Dr. e J. Velloso. O samba-enredo narra a chegada dos escravos no Brasil, “Calunga cruzou o mar / Nobreza a desembarcar na Bahia”, lembra-nos de que muitos deles tinham “Sangue de Rei, comunidade” (www.galeriadosamba, 2007). Neste contexto, faz uma pequena referência à Rainha Ginga, “Maracatu, chegou rainha Ginga”.

A segunda escola de samba é a Império da Tijuca, que, em 2010, tinha como samba-enredo “*Supreme Jinga, senhora do trono Brazngola*”, composição de Djalma Falcão, Grassano, Ito Melodia, Jota Karlos e Marcio André. Este samba-enredo apresenta a Rainha Ginga, seu nascimento e a sua descendência:

Nesse Império Brazngola
Minha verdade, quem saberá?
Quem sou eu?
Sou Jinga, tô na ginga⁸ desse samba
Quem sou eu?
Guerreira que nasceu lá em Matamba
Kimbadeiros profetizaram minha sorte
Viram longos tempos negros
Mas me deram braço forte pra lutar
Sangue de Kbola Kiluanji

A Império da Tijuca traz para a avenida do samba neste samba-enredo a marca da colonização portuguesa em Angola e dos acontecimentos mais marcantes da trajetória, influência e das conquistas de Ginga até além-mar. Este samba-enredo retoma resumidamente a história que conta Agualusa no seu romance.

A invasão portuguesa deixando terra sem lei
Tomando toda riqueza, reinado sem rei
Aí então fui chamada por meu irmão sucessor
Fui mensageira da paz e amor
Senhor, a sua luz eu aceitei
Com adversários me aliei
Meu veneno foi além das ambições
Governei como varão
Quilombola de Angola
Mesmo vencida unifiquei nações
Sou orgulhoso de uma raça
História que viaja nos negreiros

O samba-enredo da Império da Tijuca celebra a grandeza de Ginga desde seu nascimento, profetizada pelos Xamãs, marcando o nascimento de uma grande guerreira com as qualidades de uma rainha que lutaria pela liberdade de seu povo em condições de igualdade com seus oponentes, deixando um legado de luta e orgulho para seu povo, fazendo com que o negro sinta orgulho de sua origem, de ser quem é. Ginga é símbolo de uma líder feminina, vista como um exemplo do empoderamento feminino, não só para a mulher africana, mas para todos os seus descendentes que vieram de África escravizados e que fazem parte da sociedade do mundo atual.

⁸ O compositor da letra do samba-enredo faz um trocadilho com o verbo 'gingar' (bailar, dançar, requebrar, ...).

A próxima escola de samba, Dificil é o Nome, desfila com seu samba-enredo de 2014, *“Raio de Luz Para os Negros – Os tambores africanos clamam os Orixás a Liberdade”*, composto por Ednei Rocha, Érico Rocha, Luana De Pilares, Nescau e Ylen Capoeira. O samba-enredo conta a dura travessia dos negros africanos pelos mares, sendo confortados apenas pelas lembranças que deixaram para trás e sua fé: “Clamando os orixás, o canto, a dança, a crença e a fé, Eram proteção yourubá” (www.vagalume.com.br, 2014), até chegarem ao Brasil para a mão-de-obra escrava nas lavouras de cana-de-açúcar.

Navio negreiro trouxe de além mar
Porão do tumbeiro, para escravizar
Era dor, era lamento,
Agonia e sofrimento
O português explorou
Viraram mercado, foram leiloados
Nas plantações, escravizados
(www.vagalume.com.br, 2014)

Dificil é o Nome também faz uma pequena referência à Rainha Ginga quando menciona a palavra “ginga” e a coloca entre aspas para dar um duplo sentido, relacionando, assim, também ao verbo “gingar”.

A minha “ginga” é capoeira
Meu sonho se tornou realidade

A seguinte escola de samba é a Acadêmicos de Dendê com o samba-enredo de 2015 *“A ginga da Rainha”*, composição de Walkir Fernandes, Gugu Das Candongas, Silvana Da Ilha, Beto Mascarenhas, Herbert Rocha, Marquinhos Do Banjo e Play-Mobil. Este samba-enredo já canta a luta da “valente” Rainha Ginga pelo seu povo e contra a colonização portuguesa. Saúda a Rainha Ginga que, sendo filha de um rei guerreiro, só poderia ser uma guerreira, forte e lutadora, que fez, com sua luta, de Luanda Angola e de Angola toda África unida contra a usurpação de seu povo e a aniquilação de sua cultura.

Vem de Luanda!
Um canto negro no céu ecoou
Lutando pela sua liberdade

A pomba branca da paz, não chegou Tribos
guerreiras dessa terra milenar
Valente! Rainha negra vai lutar
Pela defesa do povo contra a colonização
O homem e sua ambição
É o senhor dos grilhões
Lá vem jinga de Angola
No rufar do seu tambor... Ô ô
Filha de um grande guerreiro
A senhora dos terreiros
Foi a luta e se vingou
É nzinga!
Quilombola de matamba
É angola é luanda... É África
Uniu a raiz africana, por uma nação soberana
O atabaque ecoou, e ela festejou
Sua volta a religião
Tem dendê no candomblé,
Tem cultura nesse chão
Com a força de gente bamba,
vem a jinga do meu samba
Eu sou dendê!
O meu sorriso ninguém vai acorrentar
Eu sou dendê!
Do sangue negro, tenho que me orgulhar
(www.galeriado samba.com.br, 2015)

Quando leio este verso: “vem jinga do meu samba”, penso na jinga de dançar, penso na jinga dos escravos na dança da capoeira que não era dança, mas a forma que os escravizados tinham de se manterem em forma para lutar quando fosse preciso. Neste samba-enredo também percebemos a valorização da luta da valente Rainha Ginga na sua batalha contra o colonizador português. A Ngola lutou por Luanda, por Angola e pela África, unindo forças e tribos para não se deixarem escravizar e manterem sua independência como país, como povo africano. O samba-enredo também mostra a necessidade de lutarmos pela nossa liberdade, que hoje está muito comprometida pelos muitos casos de preconceito racial que presenciamos diariamente no mundo atual. O samba-enredo é como se fosse a fala do povo questionando e pedindo para que se pense sobre a negritude no mundo.

A escola de samba Império da Uva, com o samba-enredo de 2019 “*Rainha Nzinga, símbolo de resistência africana*”, composto por Tânia Professora, Neguinho, Tide, Sérgio JR, Marli Jane, Mauro Cavalcante e Yeda Maranhão, vem lembrar a origem e os feitos da Rainha Ginga. É a própria Rainha Ginga que canta e conta suas façanhas. Retoma as principais ações narradas tanto em Agualusa quanto em Pepetela. Nos últimos versos, a

Rainha Ginga sabe que é lembrada, pois marcou seu tempo, seu povo e toda a África com seu discernimento da necessidade de enfrentar o colonizador para defender os seus.

Renasci do reino NDongo
O povo ambundo é minha raiz
Tenho a magia dos ancestrais
A sagrada fê nos rituais
Negra de sangue ngola kiluanje
Combati a ambição de além mar
Me tornei embaixadora
Fiz o comércio prosperar
Do legado fraterno cheguei ao trono
Iludi os lusitanos
Ana de Sousa também me chamo
Meus inimigos fiz aliados
Em Matamba conquistei o meu reinado
Empoderada veio a calma
Comigo nem o holandês podia
Segui
De corpo e alma
No poder na memória do povo
Que hoje luta
Acorrentado sem temer
Estou presente na congada
No ressoar dos tambores
E no grito desta gente
De verde e branco
Carnavalizando a Intendente
Sou rei e rainha africana
A voz da tribo imperiana
Sou Nzinga guerreira
Não fujo da luta
Imponho a bandeira
Sou Império da Uva
(www.lettras.mus.br, 2019)

Esta última escola de samba, “Acadêmicos do Engenho da Rainha”, tematizou a Rainha Ginga no samba-enredo de 2019 “*Matamba, o sonho de uma Rainha*”, composto por Mauro Neginho, Orlando Ambrósio, André Kaballa, Márcio de Deus, Wallace Oliveira, Sérgio Rocco, Márcio Mamede, Thiago Vaz, Thiago Júlio Gela, João Perigo, Hélio Maximus, Gilmar L. Silva, Renan Diniz, Richard Valença, Dudu Precisão e Lico Monteiro. Carnaval é fantasia, é imaginação e, sendo assim, a Acadêmicos do Engenho da Rainha faz o sonho parecer realidade e traz no seu samba-enredo o encontro onírico entre duas rainhas: Carlota Joaquina de Portugal e a Rainha Ginga. Carlota vai em sonho conhecer os territórios portugueses na África. A soberana portuguesa nunca conheceu este continente, contudo,

sonho pode tudo, e neste devaneio, Carlota fica maravilhada com tudo o que vê em África: cores, sabores, religiosidade do povo negro, e fica deslumbrada com as riquezas da terra e teme também pelos perigos deste território selvagem.

A rainha de Portugal, encantada com a África, reconhece a necessidade que a Rainha Ginga teve de apertuguesar-se e agora em sonho a soberana de Portugal também sente que quer africanizar-se. A monarca portuguesa sente a presença do espírito de Ginga e faz um pedido de desculpa a ela e ao seu povo. No sonho, a Rainha Ginga submete-se à rainha portuguesa, mas convenhamos que conhecendo a história da Rainha Ginga, ela nunca se curvaria nem mesmo para outra rainha.

Desperta, rainha n'zinga, Matamba
Nas folhas de um sonho a minha lembrança
Negra era a noite nessa imensidão
Cruzei o mar da ilusão
Africanizei o meu destino
Aportei no cais e conheci a dor
Ao som dos tambores, festejos, louvores
Ôôôô
Reluz a riqueza, cortejo de luz
O brilho do olhar conduz
O vento alastra, acende a chama na candeia
Vai trovejar, tem lua cheia
Pembelê, Matamba, ela é oiá
Ilu ayê, oiá
Óh mãe guardiã, senhora do fogo
Trouxe esperança ao nosso povo!
Segui por caminhos que não temia
Ouvi o som da floresta ao entardecer
Um suntuoso palácio, onde reinava o axé
Eu de joelhos lhe peço perdão
Corre em seu rosto um pranto de amor
Negra mulher, é ela
D'bantu ou da favela
Canta Engenho da Rainha
Meu fio de contas, meu kelê
O vento que sopra e limpa avenida
É de Ginga, é de Angola, ê!
(www.lettra.mus.br, 2019)

A rainha portuguesa reconhece os poderes 'sobrenaturais' da Rainha Ginga, poderes dos seus ancestrais que tanto a soberana ambundo acredita e respeita, e que trazem esperança para seu povo que teme o colonizador português. A Rainha Ginga em prantos simboliza todas as mulheres negras africanas e seus descendentes que foram arrancados e separados de seus

familiares e foram viver no Brasil, principalmente nas favelas, onde, infelizmente, continuam sendo discriminados. Contudo o vento de Ginga traz o vento de Angola para fazer com que o sofrimento do passado se transforme em alegrias nas avenidas da nova vida.

A sinopse do samba-enredo da Acadêmicos do Engenho da Rainha consegue juntar duas rainhas que viveram em épocas diferentes e apresentar o que ambas rainhas têm em comum: determinação, firmeza. Sentiam que como mulheres no poder faziam a diferença no seu trono.

Despertamos amores e ódio, mas nunca a indiferença!
Duas mulheres ao mesmo tempo tão diferentes e tão parecidas.
Njinga derramou uma lágrima e em seguida sorriu.
Estendeu os braços e me conduziu até seu trono.
Uma grande oportunidade se abria para mim naquela aliança inesperada.
Nunca poderia imaginar que no continente negro eu encontraria o lugar ideal para ser aclamada como rainha
Assim como eu, aquela rainha negra jamais foi chamada de fraca, nem mesmo pelos seus maiores inimigos...

Observamos nestes sambas-enredo que a história da Rainha Ginga vem sendo revisitada, transformada, e cantada e contada. O objetivo deste samba-enredo é que o povo, não somente o negro, conheça e reconheça esta mulher africana que soube, com sua perspicácia, sua inteligência e seu poder, defender seu povo, não somente como a grande guerreira reconhecida que foi, mas também a diplomata que aprendeu a língua do seu inimigo e soube bem usar as palavras a seu favor. Através do carnaval, uma das maiores expressões culturais brasileiras, o espírito da Rainha Ginga mantém-se vivo e transpassa sabedoria para essas novas gerações que aprendem sobre seus ancestrais, pois, como podemos perceber, todos nós, brancos ou pretos, temos um pouco de sangue africano correndo em nossas veias⁹.

No mundo do samba, Clementina de Jesus foi apelidada de Rainha Ginga (Nzinga), por sua importância e grandeza, também carinhosamente chamada de dona Quéle ou Tina. Ela enriqueceu a **raiz do samba carioca**, temperado nos terreiros da Praça 11 e nas emergentes escolas de samba dos anos de 1920, 30 e 40.

Clementina de Jesus nasceu em 7 de fevereiro de 1901, em Valença, no Estado do Rio de Janeiro. Filha da parteira Amélia de Jesus dos Santos e do capoeira e violeiro Paulo Batista

⁹ ZORZETTO, Ricardo. A África nos genes do povo brasileiro. Revista Pesquisa Fapesp. 03set 2020. Visto em 10.09.2023. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/a-africa-nos-genes-do-povo-brasileiro/>

dos Santos, escravos libertos das lavouras dos “barões de café”, e neta de escravos torturados, a menina “Tina” foi morar na capital ainda pequena com os ouvidos e a lembrança impregnados de cânticos, batuques, crenças e tradições:

O batuque fervia na relva verde dos campos de Valença, ritmado pelo canto das lavadeiras que entretinham o tempo e relembavam o passado ancestral de sua gente. Herança que ganharia forma na voz inconfundível daquela que, desde sempre Rainha, seria, enfim, décadas depois, coroada. Vivia Clementina! A fé nasceu com ela no Carambita e se fez presente em toda a sua vida: uma vida sem fé, para Clementina, não era vida. No seu espírito alegre qual uma flor, a tradição das Áfricas. Estava tudo lá e ela era tudo por inteiro. A valenciana dos Jongos, Curimas, Pastoris, Folias de Reis, que se protegia—alma aguerrida sim senhô!—com o poder do banzo e da mãe ganhadeira de beira de rio com devoção de rezadeira. Herdeira do povo Banto, das negras e negros guerreiros, de todos que ansiavam por serem ouvidos, daqueles que sofreram em kalungas, é ela quem personifica a voz brasileira. Mulher, preta, pobre, idosa, doméstica, favelada, gigante, Rainha! Tina, a Preta do Brasil! (MALTA, 2021).

Clementina recebe uma grande herança de seus ancestrais africanos através das melodias que sua mãe cantava, enquanto esta lavava roupa à beira do rio. Além disto, Tina estudou no Orfanato Santo Antônio em regime semi-internato, onde cantava no coral e desenvolveu sua fé católica. Ela era católica, muito embora, também aprendera com sua mãe as rezas e cantos em língua iorubá provavelmente. E é este misto destas religiões, principalmente o candomblé, que marca presença nas suas músicas, como vemos na letra de “Deus vos salve a casa santa”:

Deus vos salve casa santa
 Deus vos salve casa santa
 Aonde Deus fez a morada
 Aonde Deus fez a morada, ah, ah
 Aonde está o cálice bento?
 Aonde está o cálice bento?
 E a hóstia consagrada
 E a hóstia consagrada, ah (JESUS, [S.D.]

Em “Deus vos salve a casa santa” observamos a referência a um Deus e objetos consagrados da religião católica, como o cálice e a hóstia que fazem parte da liturgia. Porém em “Abaluaiê”, temos um vocabulário africano: Abaluaiê, orixalá, Cambône, muxila e gôlô-ê:

Perdão Abaluaiê, perdão
Perdão a orixalá, perdão
Perdão a meu Deus do céu, perdão
Abaluaiê perdão
Ó rei do mundo
Perdão Abaluaiê
Ele veio do mar
Abaluaiê
Ele é forte, ele veio,
Abaluaiê
Salvar...
A tô tô lu Abaluaiê
Cambône sala na muxila gôlô-ê
Cambône sala na muxila gôlô-ê
Bença meu pai!(JESUS,[S.D.]).
(<https://www.lettras.com/clementina-de-jesus/>)

Dona Quelé trazia consigo os banzos dos seus antepassados que transformava em cantos, jongos, partido-alto e curimbas em seu repertório. A dona de uma voz grave, anasalada, trabalhava como lavadeira e empregada doméstica para viver, mas cantar era a sua alegria, cantava por prazer. Bruno Malta expressa desta forma o seu reconhecimento e louvor por Clementina (Tina) de Jesus

Rainha Ginga na janela cantando histórias à terra batida e aos ouvidos de hoje e de outrora, comadres e compadres enfeitiçados pela musicalidade, enquanto fervia feijão para todos nós! A Ela, a Glória! A arte de sambar com o coração e a boemia na Taberna da Glória, Clementina mostrando-se, impondo-se para ser reconhecida! Rainha que sentiu na pele o peso do preconceito, da dor e do desamor. Sonhou a liberdade através do samba, enquanto a madrugada fria lhe trazia a agonia das favelas da sua vida. Seu canto-lamento, alimentado pelas agruras da dura realidade, deu alma à pioneira voz. E a filha lavou a alma das pretas! Pelos morros sagrados e nos asfaltos pálidos, ela defendia uma vida de respeito. A voz que trouxe visibilidade à mulher negra foi Rosa de Ouro e levou a negritude aos palcos, entrando de vez para o estrelato, benzedeira dona dos segredos dos mistérios do samba. Quelé! (MALTA, 2021).

Clementina de Jesus ganhou os palcos só aos 63 anos de idade e revolucionou o samba, após ter sido descoberta pelo poeta e futuro produtor musical Hermínio Bello de Carvalho. O jovem ficou fascinado pela sambista fluminense e passou a prepará-la para o espetáculo Rosa de Ouro, show que a consagrou (JESUS, 2014).

Ela participou ativamente do processo de transformação do samba em uma das identidades da cultura brasileira. Porém, a voz ancestral e o talento inigualável de interpretar sambas, jongs, partidos e outros ritmos de matriz africana foram reconhecidos tardiamente, entretanto conseguiu manter a regência de “Rainha Quelé” e “Rainha Ginga” por pouco mais de 20 anos, até nos deixar, em 1987.

Com sua simplicidade e a potência de sua voz, Clementina exprime orgulho de suas raízes, e, como a Rainha Ginga, incorpora a fé católica e a fé de seus ancestrais africanos, que respeita e quer propagar para os brasileiros, e não só, pois, em 1966, representa a música brasileira no festival de cinema de Cannes, na França (JESUS, 2014). Clementina de Jesus traz a África no seu canto para os ouvidos brasileiros e para todos que a ouviram e continuam a ouvir seus cânticos.

6.3. As ‘rainhas Gingas’ na política: Michelle Obama e Kamala Harris

Relativamente às ‘Gingas’ na política da contemporaneidade, escolhemos duas mulheres, uma que fez parte da política norte-americana e a segunda que ainda faz, pois os EUA representam o poder e a maior influência cultural, econômico e política do mundo contemporâneo. Uma sociedade que somente no século XXI deixa aflorar a força e a inteligência das mulheres negras (ou mestiças) na política, nos faz lembrar a história pregressa deste país que, em seu período colonial, recebeu os primeiros escravizados africanos levados pelos espanhóis em 1526. Mais tarde, já após a declaração da independência da Inglaterra (1776), os negros sofrem com a escravatura dos estados do sul e, mesmo após a abolição da escravatura no país, em 1865, continuam sofrendo com a segregação racial, principalmente no sul. Ainda no século XXI, podemos ver casos na mídia que evidenciam a continuidade da herança da escravatura e da segregação racial nos EUA.

A primeira “Ginga” para a qual chamamos a atenção é Michelle Obama, a primeira afrodescendente a chegar ao poder como primeira-dama dos Estados Unidos da América. Michelle Obama nasceu em 17 de Janeiro de 1964 em Chicago (EUA), filha de Fraser Robinson III e de Marian Shields Robinson. A família de seus pais tem raízes afro-americanas da região sul dos Estados Unidos do período pré-Guerra Cívil Americana. Um dos seus antepassados paterno, Jim Robinson, foi um escravo no estado da Carolina do Sul (EUA).

Michelle Obama estudou na Universidade de Princeton, entre 1981 e 1985, onde cursou Sociologia e Estudos Afro-americanos. Depois desta graduação, ingressou na

Universidade de Harvard onde cursou Direito e formou-se em três anos. Casou-se com Barack Obama em 1992, tiveram duas filhas: Malia Ann (1998) e Natasha (2001).

Michelle é a esposa do ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, e a primeira primeira-dama afrodescendente a ocupar o cargo. No começo da campanha de Barack Obama para a presidência dos EUA, a mídia tachava a senhora Obama de uma “mulher negra em fúria” (OBAMA, 2018, p. 14). No que Michelle questiona em seu livro autobiográfico *Becoming – A minha história*: “Já me apeteceu perguntar aos meus detratores que parte nessa expressão é mais importante para eles: será “em fúria” ou “negra” ou “mulher” (OBAMA, 2018, p. 14). O preconceito que Michelle Obama sofreu no século XXI é semelhante ao preconceito colonial com que os portugueses olhavam a Rainha Ginga: são mulheres, negras e inteligentes, característica que, numa visão ocidentalocêntrica e patriarcal, não casam.

Michelle Obama é vista, em maio de 2006, pela revista *Essence*, como uma das “25 Mulheres mais Inspiradoras do Mundo”. E em setembro de 2007, a revista *02138*, coloca-a como 58ª da “The Harvard 100”, na lista de alunos mais influentes da Universidade de Harvard. Durante o início da campanha de seu marido, Michelle restringiu sua participação a eventos políticos, priorizando os cuidados com as filhas. Em seus discursos discutia sobre etnia e educação. Aos poucos começou a participar mais da campanha. E é Michelle Obama que escreve seu próprio discurso para a campanha de seu marido.

Assim como a Rainha Ginga, a ex-primeira dama dos EUA recebeu orientação familiar, “Falei do meu pai: da sua humildade, da sua resistência e em que medida isso me moldara a mim” (OBAMA, 2018, p. 309).

Conhecia o estereótipo que se esperava que eu ocupasse, a imaculada esposa-boneca, de sorriso estampado, a olhar o marido de olhos brilhantes, como que suspensa de cada uma das suas palavras. Isso não era para mim, nem nunca seria. Podia mostrar-me solidária, mas não podia ser um robô. (OBAMA, 2018, p. 267).

A senhora Obama sofre muitos ataques pela internet de pessoas que lhe fazem questões com subtextos agressivos, “até se serei uma mulher ou um homem” (OBAMA, 2018, p. 14). Por que o ser forte é relacionado só aos homens? Por que o ser frágil é só característica da mulher? Como a Rainha Ginga, Michelle Obama surpreende por seu discurso e por sua habilidade de agregar pessoas e fazer a diferença a favor de um propósito.

Michelle Obama é uma mulher inteligente, posicionada politicamente e consciente das dificuldades e dos preconceitos que sofrem os negros, principalmente, nos EUA. Ela mesma sofre comentários racistas no fim do mandato de Barack Obama, quando Pamela Ramsay Taylor, diretora de uma organização sem fins lucrativos, da cidade de Clay, na Virgínia Ocidental, faz um comentário no Facebook em que descreve a ainda primeira-dama dos EUA como um “macaco de saltos altos” (*Diário de Notícias*, 2016).

A outra mulher a chegar ao poder nos EUA é Kamala Harris que se tornou a primeira mulher negra e sul-asiática a ser eleita vice-presidente americana em 2021. Kamala nasceu na cidade de Oakland, Califórnia, em 20 de outubro de 1964. É filha de emigrantes, seu pai, Donald Harris, é um professor universitário jamaicano, e a sua mãe, Shyamala Gopalan Harris (1938 - 2009), uma médica e pesquisadora indiana. Fez seu Ensino Médio no Canadá e depois de concluído voltou para os EUA, onde estudou na Universidade de Howard entre 1982 e 1986. Graduiu-se em Ciências Políticas e Economia. Em 1989, concluiu o curso de Direito pela Universidade da Califórnia. Harris foi promotora distrital de São Francisco em 2003, reeleita em 2007, e Procuradora-geral da Califórnia em 2010, e reeleita em 2014, antes de se tornar Senadora dos Estados Unidos em 2017. A vice-presidente é casada com Doug Emhoff, um advogado, desde 2014.

O multiculturalismo americano ainda não tinha tido uma representante no poder como agora a vice-presidente. Os últimos anos foram marcados ainda mais pela violência brutal de policiais e pelo racismo, pelo que Kamala Harris representa a esperança e a voz para os afro-americanos e principalmente para as mulheres negras.

Em 19 de novembro de 2021, Kamala Harris foi, por uma hora e 25 minutos, a primeira mulher negra a ser presidente interina dos EUA. Kamala representa para muitas mulheres e principalmente para as mães negras a crença de que suas filhas possam também chegar ao poder, e serem reconhecidas e valorizadas como qualquer pessoa americana.

6.4. As ‘rainhas Gingas’ em concursos de beleza

Se bem que as rainhas de beleza não possuam poder político efetivo, como a Rainha Ginga, e os concursos de beleza tenham a sua origem na estrutura patriarcal da sociedade – a beleza das mulheres é exposta para agradar ao olhar dos homens – elas podem chegar a desempenhar um importante papel na visibilização e no empoderamento das mulheres negras.

Fomos buscar as 'Gingas' nos concursos de beleza para mostrar a valorização da beleza da mulher negra e a sua importância política e social para as mulheres negras no mundo. A história dos concursos de beleza começou com a valorização da beleza feminina com o objetivo de atrair turistas no sul da Inglaterra em 1908. Nos anos 50 as meninas americanas sonhavam em chegar a Hollywood e às grandes marcas, como também ter a visibilidade para conseguir um bom casamento, pois naquela época as meninas eram educadas para casar e constituir família. Atualmente, os concursos de beleza mudaram bastante, não se valoriza tão somente a beleza física como antes, mas também o comprometimento das candidatas com causas sociais. A miss escolhida para representar seu país ou o Universo tem consciência de que terá o poder de influenciar milhares de meninas, mulheres em todo o mundo (CABRAL, 2022).

No Brasil, o primeiro concurso de Miss Brasil foi em 1900 e as candidatas pertenciam às famílias mais importantes da sociedade brasileira. O modelo de beleza da época, que ainda permanece na visão da sociedade nos dias de hoje, é de uma mulher branca, magra e de altura mediana para alta (VIEIRA, 2019, p. 8).

Desde o início do Concurso de Miss Universo em 1952, somente cinco mulheres negras foram coroadas Miss Universo. São elas: Janelle Commissiong, de Trinidad e Tobago, em 1977; Wendy Fitzwilliam, de Trinidad e Tobago, em 1998; Mpule Kwelagobe, de Botswana, em 1999; Leila Lopes, de Angola, em 2011 e Zozibini Tunzi, de África do Sul, em 2019. A sociedade determina os padrões de beleza que são aceitos dando visibilidade e distinção social para aquelas eleitas, contudo para as jovens negras a visibilidade social acaba sendo maior, pois, quando chegam a posições de destaque, enfrentam o racismo e a discriminação racial, uma vez que são poucas as jovens negras que conseguem atingir este lugar. Entretanto, durante o reinado, a condição de Miss suplanta qualquer outro contexto social que elas desempenhem. Esta ascensão é válida tanto às questões sociais quanto às de gênero, uma vez que, na pirâmide da hierarquia social, estas jovens formam normalmente a base, ocupando, assim, as posições inferiores em relação aos índices de educação, saúde, mercado de trabalho, entre outros (VIEIRA, 2019, p. 9).

Já no caso do Brasil, cabe mencionar Deise Nunes, que nasceu em 30 de março de 1968, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, como filha de mãe solteira que trabalhava de empregada doméstica. Sua mãe tinha 17 anos quando engravidou do sobrinho do patrão. A mãe também lavava roupas para fora para melhorar o orçamento e dar uma vida melhor para a filha.

A gaúcha¹⁰ foi 'Miss Simpatia' na sua escola com apenas 9 anos de idade, com 15 anos foi eleita a 'Primeira princesa' em outra escola em que estudava. Representou seu colégio no concurso Miss Unespa (União dos Estudantes Secundários de Porto Alegre, Rio Grande do Sul). Em 1984 foi descoberta pelo diretor social do Sport Club Internacional, Paulo Franchini, e tornou-se modelo profissional. Concorreu à Rainha das Piscinas em 1984 representando o Clube Internacional e venceu o concurso de beleza mais importante do estado gaúcho na época. Em uma entrevista à Revista Raça Brasil, Deise Nunes fala sobre os preconceitos que teve que enfrentar ao receber este título.

Naquela época o preconceito racial era muito grande, quase nunca encontrávamos uma negra em concursos de beleza. Felizmente, não sofri preconceito no Miss Brasil, nem no Miss Universo. A minha pior experiência aconteceu em um concurso que participei em 1984, chamado Rainha das Piscinas do Rio Grande do Sul. Foi a primeira vez que sofri discriminação, ouvi de algumas pessoas o seguinte: "No meio de tanta loira foi ganhar justo uma negra". Sofri, mas depois me dei conta de que isso me deu força redobrada para lutar pelos meus objetivos. (FERREIRA, 2013).

Em 1986, ganhou o concurso de 'Miss Canela', 'Miss Rio Grande do Sul', chegando a 'Miss Brasil' em maio deste mesmo ano. Vencendo o Miss Brasil, Deise Nunes tornou-se a primeira afro-brasileira a conquistar este título no país. E a primeira negra brasileira a concorrer ao Miss Universo, ficando classificada em 6º lugar.

Sem dúvida, fui muito questionada quando cheguei a São Paulo com a faixa de Miss Rio Grande do Sul. Muitas pessoas estranharam o fato de uma negra representar um estado colonizado, na sua maioria, por alemães e italianos. Isso só mostrou o quanto estavam desinformadas, afinal, no Sul existem todas as raças, como em qualquer outro lugar do Brasil. (FERREIRA, 2013).

Após seu reinado, Deise Nunes continuou a carreira de modelo, manequim e também apresentadora e empresária de moda brasileira, como também abriu sua própria escola de passarela e etiqueta no Rio Grande do Sul. Segundo ela,

¹⁰ A palavra 'gaúcho (a)' é um adjetivo gentílico que designa um indivíduo de acordo com seu local de nascimento, no caso, quem nasce no Rio Grande do Sul pode ser chamado de gaúcho(a) ou de rio-grandense-do sul. Visto em Dicionário Online Priberam em 10.09.2023, disponível em <https://dicionario.priberam.org/ga%C3%Bacha>.

Aprendi muito com minha carreira. Viajei representando o nosso país no exterior e conheci diversas cidades do Brasil. Ser modelo exige demais de uma mulher. Trabalha-se muito e dorme-se pouco, não é nada fácil. (FERREIRA, 2013).

A Miss Brasil diz o que significou para ela este título, “representou muito porque foi uma oportunidade para o negro ter orgulho de si, se ver bonito, ser capaz (GONÇALVES, 2017). Com apenas 18 anos, Deise Nunes aprende a lidar com o preconceito, “O jeito era enfrentá-los, consciente de que estou abrindo portas para que outras moças negras possam perder o medo e enfrentar as barras que pintam por aí” (BATISTA, 1986, p. 108-111).

Em 1986, Deise Nunes reconhecia que muitos outros artistas negros brasileiros usavam sua arte para tentar “mostrar que somos uma parcela importante na população deste Brasil grande. Somos uma maioria silenciosa e trabalhadora que não deve e não pode ser desprezada ou marginalizada” (BATISTA, 1986, p. 110). O pensamento que Deise Nunes deixa sobre a sua colaboração para o reconhecimento e a valorização das mulheres negras brasileiras é de que “se o meu título de Miss Brasil puder contribuir para que uma pequena parte deste caminho seja percorrido, tudo valeu a pena” (BATISTA, 1986, p. 110).

Outra mulher negra que triunfou em concursos de beleza foi a já mencionada Janelle Commissiong Chow, primeira Miss Universo negra em 1977. Janelle nasceu em 15 de Junho de 1953 em Port-of-Spain, Trinidad e Tobago, nas Ilhas do Caribe, filha de uma venezuelana e um trinitário-tobagense. Aos 13 anos migrou com sua família para os Estados Unidos da América, permanecendo dez anos. Durante este tempo estudou Moda no Fashion Institute of Technology. Janelle retorna ao seu país de origem em 1976 e, um ano depois, ela concorre a Miss Trinidad e Tobago, sendo eleita para representar o país no Miss Universo.

Em 16 de julho de 1977, Janelle participa da 25ª edição do concurso de Miss Universo e ganha o título, sendo aplaudida de pé por todos os que estavam presentes. Era a primeira vez nestes 25 anos de concurso que uma negra era eleita. A cantora negra norte-americana Dionne Warwick disse que era como se ela, Dionne, tivesse ganho o título, tamanha sua felicidade (DHARA, 2020). Durante seu reinado, Janelle foi uma grande defensora dos direitos dos negros. Como Miss Universo difundiu a imagem do país internacionalmente e é condecorada com a Cruz da Trindade, maior honraria de Trinidad e Tobago.

Em 2017, Janelle foi homenageada pela Corporação da Cidade do Porto de Espanha com uma rua com seu nome como parte das atividades para marcar 40 anos de sua notável vitória no concurso. Seu legado sempre será lembrado. Janelle abriu uma porta

importantíssima para ajudar na representatividade da mulher negra. Estávamos muito acostumados a ver na televisão e nos jornais só mulheres brancas serem eleitas as mais lindas do mundo. Janelle nos mostra que a mulher negra existe e que ela é bonita sim, isto é essencial como exemplo para as gerações futuras.

A historiografia assume que a Rainha Ginga também se importava com sua beleza, “era formosa e requintada nos seus trajos” (KWONONOKA, 2016, p. 66), e que se preocupava em usar ricos panos, prata e ouro, “a sua indumentária (a coroa da realeza, os panos com gancho metálico), os adereços (colar, pulseira) inspiram a exuberância, o encantamento e a beleza femininos” (KWONONOKA, 2014, p. 66). Sendo assim, era um modelo de beleza para as mulheres de seu povo e mostrava, também, a história e as crenças do povo ambundo. E estas Misses, estas jovens negras, que competem com outros diferentes tipos de beleza, são escolhidas para representar não só a beleza das mulheres negras, mas a possibilidade e a esperança de ver cada vez mais a mulher negra fazendo parte ativa em todas as áreas da sociedade. As Misses, assim como a Rainha Ginga, são exemplos para todas as mulheres negras se sentirem representadas e acreditarem que podem chegar a qualquer lugar que queiram. Comprovadamente o mundo não é feito só de brancos, e há beleza em todas as raças.



Figura 7- Rainha Ginga

Figura 8- Rainha Ginga

7. Considerações finais

Nestas considerações finais, me permito adotar novamente uma perspectiva pessoal e situar-me dentro dos resultados da pesquisa realizada. O desconhecimento da personagem histórica e sua importância na guerra contra o colonialismo português em Angola foi o despertar de meu interesse em conhecer melhor a Rainha Ginga e todas as 'Gingas' desconhecidas em África quanto na contemporaneidade. Assim, foi possível estudar e classificar dois romances sobre esta personagem, *A rainha Ginga: e de como os africanos inventaram o mundo*, de José Eduardo Agualusa, e *A gloriosa família: o tempo dos flamengos*, de Pepetela, como romances históricos, dentro dos conceitos e definições de György Lukás. A literatura angolana, através das obras de Agualusa e Pepetela aqui trabalhadas, permitiu-me conhecer esta personagem tão marcante e importante na história de Angola, esta guerreira que, com diplomacia e luta, enfrentou o poder colonial português, não medindo esforços para manter a soberania do seu povo. Aliou-se aos holandeses por estes serem inimigos do seu inimigo. Deixou-se batizar por motivos políticos e receber um nome de outra cultura.

Em *A rainha Ginga: e de como os africanos inventaram o mundo*, a personagem é mostrada pelo ponto de vista de um padre oriundo de Pernambuco, fruto da miscigenação de índio, português e uma negra mina, que passa a admirá-la e respeitá-la até ao ponto de deixar a batina de lado, sendo por este motivo visto e perseguido como um traidor. Através do olhar do ex-padre conhecemos a Rainha Ginga, suas crenças, suas artimanhas e sua luta incansável pela liberdade dos ambundos. Por sua vez, em *A gloriosa família: e o tempo dos flamengos*, percebemos a Rainha Ginga pelos olhos de seu ex-escravo que não esconde seu orgulho e sua admiração por ela. Com estes dois diferentes narradores, ambos súditos ficcionais de Ginga, foi possível observar os conflitos e os costumes da sociedade daquela época.

Com isto, fomos percebendo as diferentes facetas da Rainha Ginga e como a soberana ficcionalizada enfrenta com inteligência e diplomacia o poder patriarcal tanto na sociedade ambundo como na sociedade colonial portuguesa. Para além disso, analisamos outros aspectos sociais, como a escravidão, o racismo e a interseccionalidade, não somente através da personagem da Rainha Ginga, mas também através de outras quatro personagens ficcionais femininas: Henda e Muxima, de Agualusa e Matilde e Angélica Ricos Olhos, de Pepetela. Contudo, elas parecem tão reais no século XVII quanto agora no século XXI, por tudo que foram, que passaram, que lutaram para se firmarem como indivíduos.

Assim sendo, não poderíamos deixar de mostrar outras rainhas africanas que também se posicionaram para defender seus reinos e serem respeitadas como mulheres fortes,

inteligentes e lutadoras. Essas rainhas africanas são pouco conhecidas e seus feitos são pouco reconhecidos além de seus próprios povos: rainha Nabdi Ka Bhebhe (África do Sul), rainha Ranavalona I (Madagascar), rainha Yaa Nana Asantewaa (Gana) e a rainha Amina (Zaria). São mulheres fortes como a Rainha Ginga, que não aceitaram o papel de segundo plano, foram protagonistas das suas vidas pelo bem de seus povos.

Não tenho nenhum conhecimento teórico sobre cinema, mas como espectadora posso dizer que gostei do filme *Njinga, a rainha de Angola*, e vi nele os principais fatos históricos, também narrados por Agualusa e Pepetela, da luta da Rainha Ginga até o reconhecimento e a aceitação pelos portugueses de que Ginga é a legítima soberana do seu povo. Está mais de acordo com meu imaginário de Angola naquela época. Fiquei com a impressão de que se trata de uma produção com relativamente poucos recursos, mais simples do que o documentário *As rainhas africanas: Rainha Ginga*. A série da Netflix tem um estilo mais hollywoodiano, devido ao guarda-roupa e às construções das moradias. Nessa série, Luanda parece uma antiga cidade europeia; sempre imaginei que as moradias daquela época fossem só cabanas e tendas. Os quatro episódios focam também nos principais fatos históricos, mas vão um pouco além, mostrando o pedido que a Rainha Ginga faz ao Papa para reconhecer seu reino e seu reinado e, finalmente, a chegada deste reconhecimento fazendo com que termine a guerra e sua luta contra os portugueses. O que chamou minha atenção, também, foi o fato de tanto o filme quanto o documentário reconhecerem que os espíritos dos ancestrais estavam guiando a Rainha Ginga na sua luta. Em relação ao filme *Amina*, eu apreciei da história, dos cenários, do guarda-roupa, mas não me senti tão envolvida como no filme sobre a Rainha Ginga, talvez por saber um pouco mais sobre a história de Angola no século XVII do que sobre a Nigéria do século XVI. Chamou-me a atenção o carinho do rei com suas princesas e o quanto ele as mimava, especialmente Amina, fazendo todas as suas vontades e, principalmente, prometendo que não iria obrigá-las a casar, fato mais que comum nas histórias de monarquias, em que o casamento tinha mais interesse político do que sentimental. Cabe também ressaltar a importância da espiritualidade, dos seus ancestrais para a vida e o destino de cada um daquele povo e, lembrando a história da Rainha Ginga, para os povos africanos. Penso que é importante salientar que tanto os filmes quanto o documentário são muito importantes para conhecermos estes países e reconhecermos a África como um todo.

E como no Brasil 'tudo acaba em samba'¹¹, não poderíamos deixar de lado o reconhecimento e a manutenção da memória da Rainha Ginga no Carnaval brasileiro, festa

¹¹ Dito popular carioca 'tudo acaba em samba' que significa que, não importa o problema ou a situação, tudo acaba bem.

popular onde todos são iguais perante todos. Quando via os desfiles na televisão no Brasil, não conseguia perceber que cada samba-enredo conta uma história de vida. Os samba-enredos das escolas de samba do Rio de Janeiro trazem a cultura, a história, a vida de Ginga e como ela é reverenciada até os dias de hoje. O Brasil também tem a sua rainha Ginga no samba, Clementina de Jesus, uma mulher descendente de escravos africanos que soube trazer para o samba as melodias e rezas africanas que aprendera com sua mãe na infância.

Sempre pensei na Rainha Ginga, na sua trajetória de lutas e conquistas e queria trazer, ou melhor, reencontrar esta mulher guerreira na atualidade. Sendo assim, pesquisei sobre importantes mulheres negras na política do maior e mais polêmico país, os EUA. Michelle Obama e Kamala Harris são duas mulheres negras que enfrentaram e enfrentam os conflitos do mundo do poder político, que secularmente pertence aos homens brancos. Mesmo assim, elas não se deixaram intimidar. São reconhecidas e aceitas neste mundo e são modelos a serem seguidos por outras mulheres e jovens, negras ou não. Digo negras ou não, pois há muitas jovens mulheres que não se reconhecem como negras com o temor de tudo que podem passar por causa da cor da sua pele ou do seu cabelo. Estas jovens precisam de mais exemplos como estes. Não poderíamos deixar de mencionar a beleza das mulheres negras, reconhecida nos concursos de beleza, Miss Brasil Deise Nunes e Miss Universo Janelle Commissiong Chow, que foram as primeiras mulheres negras a receberem estes títulos.

Escolher falar sobre a Rainha Ginga e a sua representação na contemporaneidade é aprender sobre esta mulher negra e sua determinação na luta pelos seus direitos e do seu povo. Saber tudo o que sofreu e suas escolhas para se manter no poder. É conhecer um pouco a sociedade do século XVII e perceber como a mulher africana era vista e tratada, e tudo que a Rainha Ginga teve que vivenciar e superar para atingir os objetivos de líder do povo mbundu.

Para mim, conhecer a Rainha Ginga, ler, pesquisar sobre ela, sua vida, sua família, sua luta foi e está sendo um grande aprendizado. Cheguei à conclusão de que eu realmente tinha atitudes racistas e nem percebia. Inconscientemente, às vezes, somos racistas e preconceituosos. Tornar os meus próprios preconceitos conscientes ajudou-me a ter mais cuidado com certas palavras e atitudes. A nossa sociedade ainda tem que aprender muito sobre o povo africano, só assim vai reconhecer que todos somos um pouco africanos. Não importa a cor da pele, importa é o ser humano. Estou feliz pelo aprendizado que obtive e espero poder partilhá-lo, não só no futuro, mas no dia a dia.

Fiquei muito curiosa para saber mais sobre as irmãs da Rainha Ginga, principalmente, Quifungi, a espiã, e sua dedicação à Rainha Ginga. A irmã destemida e corajosa que pagou com a morte pela sua participação pontual na guerra de informações do governo colonial

português, no que ajudou muita a rainha e suas escolhas táticas. E Mocambo, a irmã que assumiu o trono, por escolha da própria rainha após sua morte.

Diante do exposto, espero também que mais histórias sejam contadas sobre a Rainha Ginga em livros, em filmes, para que as crianças negras percebam que as rainhas não são só loiras ou brancas, e que elas também podem ser rainhas dos seus destinos e de suas escolhas.

Bibliografia

- ÁFRICAS - do berço real à corte brasileira. Compositores: Cláudio Russo, J. Velloso, Gilson Dr e Carlinhos do Detran. Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/beija-flor-de-nilopolis/2007/>. Acesso em 28.02.2023.
- AGÊNCIA LUSA, agencia de notícias de Portugal. “Usurpação cultural da rainha Ginga divide opiniões em Angola, petição ultrapassa 12.000 assinaturas”. **Observador.pt**, 2021. Disponível em: <https://observador.pt/2021/09/08/usurpacao-cultural-da-rainha-ginga-divide-opinioes-em-angola-peticao-ultrapassa-12-000-assinaturas/>. Acesso em 30.06.23.
- AGÊNCIA O GLOBO, Gazeta do Povo. “Filha de atores é vítima de racismo na internet”. **Gazeta do Povo**. Rio de Janeiro, 13 nov. de 2016. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/filha-de-atores-e-vitima-de-racismo-na-internet>. Acesso em 30.06.2023.
- AGUALUSA, José Eduardo. **A rainha Ginga: E de como os africanos inventaram o mundo**. Lisboa. Quetzal, 2014.
- A GINGA da Rainha. Compositores: Walkir Fernandez, Gugu Das Candongas, Silvana Da Ilha, Beto Mascarenhas, Herbert Rocha, Marquinhos do Banjo e Play-Mobil. Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Dendê. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/academicos-do-dende/2015/>. Acesso em 28.02.2023.
- AJAYI, J. F. Ade. **História geral da África, VI: África do século XIX à década de 1880**. Brasília: UNESCO, 2010. 1032 p.
- ANDRADE, Álvaro Ludgero. José Eduardo Agualusa lança romance histórico sobre a Rainha Ginga. **Voportugues**. 23, abr. 2014. Disponível em <https://voportugues.com>. Acesso em 15, jun. 2021.
- ANOBA, Ibrahim. Heróis Africanos da liberdade: Rainha-mãe Yaa Asantewaa de Ejisu. African Heroes of Freedom: Queen Mother Yaa Asantewaa of Ejisu. Disponível em <https://www.libertarianism.org/columns/african-heroes-freedom-queen-mother-yaa-asantewaa-ejisu>. Acesso em 14.06.2023.
- AUGUSTO, Natália. Conheça o elenco e Amina, filme baseado em fatos reais da Netflix. Tem alguém assistindo? 07 nov 2021. Disponível em: <https://temalguemassistindo.com.br/conheca-o-elenco-e-amina-filme-baseado-em-fatos-reais-da-netflix/>. Acesso em 24.06.2023.
- BATISTA, Tarlis. Miss Brasil86: Beleza negra tipo exportação. **Manchete**, Rio de Janeiro, nº 1.780, p. 108-111, Maio, 1986.
- BARBOSA, Solange. O espírito da Rainha Nzinga Mbandi no Brasil e no Caribe. Em: Mata, Inocência (ed.): **A Rainha Nzinga Mbandi: História, Memória e Mito**. Lisboa: Edições Colibri, 2014. pp.147-156.
- BOOKER, M. O romance histórico africano. Em: F. Irele (org.), **The Cambridge Companion to the African Novel** (Cambridge Companions to Literature, pp. 141-158). Cambridge: Cambridge University Press, 2009. Doi:10.1017/CCOL9780521855600.009
- CABRAL, Ailim. Concursos de beleza no século 21 apostam na diversidade e filantropia. Brasília, **Correio Braziliense**, 29 mai 2022. Disponível em:

- <https://www.correiobraziliense.com.br/revista-do-correio/2022/05/5008717-concursos-de-beleza-no-seculo-21-apostam-na-diversidade-e-filantropia.html>. Acesso em 20 jun 2023.
- CEIA, C. Estudos Culturais. In: CEIA, C. (Coord.) **E-Dicionário de Termos Literários**. 30/12/2009. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt>. Acesso em 08 dez.2021.
- JESUS, Clementina de. Museuafrobrasil. 17, jul.2014. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/historia-ememoria//2014/07/17/>. Acesso em 10.06.2023.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, nº 1, pp. 171-188, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acesso em 03.05.23.
- CULLER, J. Literatura e Estudos Culturais. In: **Teoria Literária: Uma introdução. São Paulo. Beca Produções Culturais LTDA**, 1999. pp. 48-58.
- DHARA, Thulany. Universo Preto. Janelle Commissiong. 30.07.2020. Disponível em: <https://universopretoworkcom.wordpress.com>. Acesso em 23.04.23.
- DIAS, Pedro. **Arte da Língua de Angola, oferecida a Virgem Senhora N. do Rosario, Mãe, e Senhora dos mesmos Pretos**. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1697. <https://purl.pt/31521>
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. Em: Johnson, Richard; Escosteguy, Ana Carolina; Schulman, Norma (orgs.) **O que é, afinal, Estudos Culturais**, 2000, 3: 133-166.
- _____. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 5, n. 9, p. 87-97, 2008. DOI: 10.15448/1980-3729.1998.9.3014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3014>. Acesso em: 11 fev. 2023.
- ESTADOS UNIDOS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Estados_Unidos&oldid=65981066. Acesso em: 1 jun. 2023.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador. EDUFBA, 2008.
- _____. Racismo e cultura. In: Sanches, Manuela Ribeiro (org.): **Malhas que os impérios tecem. Textos anticoloniais, contextos pós-coloniais**. Lisboa: Edições 70, 2011, pp. 273 – 285.
- FARIA, Francisco Leite de. Um Vimaranesense notável na Restauração Pernambucana. O vigário geral Domingos Vieira de Lima. **Revista de Guimarães**, 64 (1-2) Jan.-Jun. 1954, p. 142-193
- FERREIRA, Edmea. Negra, bela e gaúcha. **Revista Raça Brasil**, nº 177, 2013.
- FILHA de atores é vítima de racismo na Internet. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 13 de nov. de 2016. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/>. Acesso em 30.04.2023.
- FILHA de Giovanna Ewbank e Bruno Gagliasso é vítima de racismo. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 de nov. de 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com>. Acesso em 30.04.2023.
- FRANÇA, Lucélia Muniz. Portal de comunicação do Cariri Oeste-Ceará. **Ubuntu notícias**. Nova Olinda, 2016. Disponível em: <https://www.ubuntunoticiasce.com.br/2016/06/filme-njinga-rainha-de-angola.html>. Acesso em 22.06.2023.
- GONÇALVES, Cleber. Miss Universo acontece neste domingo(29) e após 48 anos o Brasil poderá ver sua candidata Raissa Santana coroada. **CG MIX**. S. Paulo, 29.01.2017. Disponível em: <https://clebergoncalves.wordpress.com>. Acesso em:21.04.2023.

- GUIMARÃES, Maria Eduarda. Quem foi Nzinga Mandi, protagonista da primeira temporada de 'African Queens', série produzida por Jada Pinkett Smith. **O Globo**, 15 fev 2023. Disponível em:
<https://oglobo.globo.com/cultura/streaming/noticia/2023/02/quem-foi-nzinga-mandi-protagonista-da-primeira-temporada-de-african-queens-serie-produzida-por-jada-pinkett-smith.ghtml>. Acesso em 26.06.2023.
- HENRY, Grace. Netflix lança trailer do documentário de Jade Pinkett Smith – African Queens. 2020. Disponível em: <https://movie.cm-santiago-do-cacem.pt/who-were-joe-exotics-husbands>. Acesso em 29.06.2023.
- HEYWOOD, Linda M. **Nzinga de Angola. A Rainha Guerreira de África**. Alfragide. Casa das Letras. 2018.
- JESUS, Clementina. Deus vos salve a casa santa. Letras, [S.D.]. Disponível em: <https://www.letras.com/clementina-de-jesus/894539/> acesso em 09.06.2023.
- _____. Abualalê. Letras, [S.D.]. disponível em: <https://www.letras.mus.br/clementina-de-jesus/1554395/>. Acesso em 09.06.2023.
- KWONONOKA, Américo. Histórias e mitos das histórias. Em: Mata, Inocência (ed.): **A Rainha Nzinga Mbandi: História, Memória e Mito**. Lisboa: Edições Colibri, 2014. pp. 59-67.
- KYRILLOS, Gabriela M. Uma Análise Crítica sobre os Antecedentes da Interseccionalidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 1, e56509, 2020.
- LAIDLER, Keith. **Female Caligula: Ranavalona, the Mad Queen of Madagascar**. New Jersey, EUA: John Wiley & Sons, 2005.
- LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução Luiza Sellera. São Paulo. Cultriz, 2019.
- LOPES, Nei. **Dicionário escola afro-brasileiro**. 2ª ed. São Paulo. Selo Negro, 2014.
- LUGARINHO, Mário César. A Apoteose da Rainha Ginga: Gênero e Nação em Angola. **CERRADOS**, 2016, 88.
- LUKÁCS, György. **O romance histórico** (trad. de Rubens Enderle). São Paulo. Boitempo, 2011[1955].
- MACEDO, José Rivair e FERREIRA, Thuila Farias. **Biografias de Mulheres Africanas**. <https://www.ufrgs.br/africanas/nandi->. Acesso em 06.01.2023
- MACHOZEKI, Juliana. Ficha técnica: Amina (original Netflix). Entreter-se, 04 nov 2021. Disponível em: <https://entreterse.com.br/ficha-tecnica/ficha-tecnica-amina-original-netflix>. Acesso em 24.06.2023.
- _____. Ficha técnica- Rainhas Africanas: Nzinga. 1ª Temporada (Original Netflix). Rntreter-se, 15 fev 2023. Disponível em: <https://entreterse.com.br/ficha-tecnica/ficha-tecnica-rainhas-africanas-nzinga-1a-temporada-original-netflix/>. Acesso em 26.06.2023.
- MATA, Inocência. **A Rainha Nzinga Mbandi: História, Memória e Mito**. Lisboa. Edições Colibri, 2014.
- _____. **Ficção e História na Literatura Angolana. O caso Pepetela**. Colibri, 2010.
- _____. **Literatura Angolana: Silêncios e Falas de Uma Voz Inquieta**. Lisboa. Mar Além, 2001.
- _____; PADILHA, L. C. **Literatura angolana: silêncios e falas de uma voz inquieta**. [s. l.]: Mar Além, 2001.
- MATAMBA, o sonho de uma rainha. Compositores: Mauro Neguinho, Orlando Ambrósio, André Kaballa, Márcio de Deus, Wallace Oliveira, Sérgio Rocco,

- Márcio Mamede, Thiago Vaz, Thiago Júlio Gela, João Perigo, Hélio Maximus, Gilmar L. Silva, Renan Diniz, Richard Valença, Dudu Precisão e Lico Monteiro. Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Engenho da Rainha. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/academicos-do-engenho-da-rainha/samba-enredo-2019>. Acesso em 28.02.2023.
- MALUMBO, Moisés. Ginga no alvor da diplomacia e nacionalismo angolano. Em: Mata, Inocência (ed.): **A Rainha Nzinga Mbandi: História, Memória e Mito**. Lisboa: Edições Colibri, 2014. pp. 77 – 87
- MALTA, Bruno. Coluna Samba Paulistano. O site dos sambas-enredo. 26.11.2021 nº 55. www.sabariocarnaval.com Visto em 18.04.23.
- MASSUIA, Rafael da Rocha. Do romance ao romance histórico: algumas considerações sobre a teoria marxista do romance de György Lukács. **Ciências Sociais Unisinos**, vol. 55, nº 1, 2019, pp. 65-73.
- MEMMI, Albert. **O Racismo**. Lisboa. Caminho, 1993.
- MENEZES, Maria Paula G. O 'indígena' africano e o colono 'europeu': a construção da diferença por processos legais. **E-cadernos CES**, nº 7, pp. 68-93, 2010. <http://journals.openedition.org/eces/403>.
- MICHELLE OBAMA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Michelle_Obama&oldid=65515899. Acesso em: 19 mar. 2023.
- MILAGRES, Agostinho da Silva. **Dicionário_kimbundu**. [S. D.] Disponível em: <https://www.academia.edu/Documents/in/Linguas>. África-Angola-Bantus Visto em 19.02.2023.
- MORESCO, Marcielly Cristina; RIBEIRO, Regiane. O conceito de identidade nos estudos culturais britânicos e latino-americanos: um resgate teórico. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, 2015, pp. 14.27.
- MORGADO, Margarida. **Cadernos de Investigação**. Estudos Culturais 1 História(s). Escola Superior de Educação de Castelo Branco. Instituto Politécnico de Castelo Branco, 2003.
- MONTENEGRO, Janda. Crítica: Amina – Épico da Netflix traz história real estilo 'Pantera Negra'. **Cinepop**, 20 nov 2021. Disponível em: <https://cinepop.com.br/critica-amina-epico-da-netflix-traz-historia-real-estilo-pantera-negra-320237/>. Acesso em 26.06.2023.
- NGWAN, Nenpan. Biografia de Clarion Chukwura: tudo sobre a atriz nigeriana. **Buzz Nigéria**, 07 nov 2022. Disponível em: <https://buzznigeria.com/clarion-chukwura-biography-everything-about-the-nigerian-actress/>. Acesso em 12.07.2023.
- OBAMA, Michelle. **Becoming: a minha história**. 1ª edição. Lisboa: Objetiva, 2018.
- OFORKA, Venatius Chuckwudum. **The bleeding Continent: How Africa Become Impoverished and Why It Remains Poor**. Xlibris Corporation, 2015.
- OLODUM. Ranavalona – Bravuras malgaxes. Warner Music Brasil Ltda, 1988. 4:15. <https://music.youtube.com> visto em 05.01.2023.
- ORNELLAS, Ayres de. **A nossa administração colonial: O que é e o que deve ser**. Lisboa, Congresso Nacional Colonial. 1903. <http://www.fd.unl.pt>
- PACHECO, L.M.; COSTA, Paulo; TAVARES, Fernando Oliveira. **História econômico-social de Angola: do período pré-colonial à independência**. Porto, 2018. Disponível em <http://repositorio.uportu.pt> visto em 23/01/22
- PANTOJA, Selma. Revisitando a rainha Ginga: Histórias e mitos das histórias. Em: Mata, Inocência (ed.): **A Rainha Nzinga Mbandi: História, Memória e Mito**.

- Lisboa: Edições Colibri, 2014. pp.115-145.
- PEPETELA, A **gloriosa família: o tempo dos flamengos**. 3ª Edição. Lisboa: Dom Quixote. 2000.
- PEREIRA, Maria Antônia e REIS, Eliana Lourenço de Lima (Org.). **Literatura e Estudos Culturais**. Belo Horizonte. Faculdade de Letras da UFMG, 2000.
- PINTO, Alberto Oliveira. **História de Angola- Da Pré-História ao Início do Século XXI**. Lisboa, Mercado de Letras Editoras, 2015.
- _____. Rainha Njinga na Netflix. YouTube, 26 mar. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QdfCj5Ns87o> Acesso em 11.07.2023.
- PUGA, Rogério Miguel. **O essencial sobre o Romance histórico**. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Lisboa, 2006.
- RAINHA Nzinga, símbolo de resistência africana. Compositores: Tânia Professora, Neguinho, Tide, Sérgio JR, Marli Jane, Mauro Cavalcanti e Yeda Maranhão. Grêmio Recreativo Escola de Samba Império da Uva. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/sambas/imperio-da-uva-samba-enredo-2019/>. Acesso em: 28.02.2023.
- RAIO de luz para os negros – Os tambores africanos clamam os Orixás a liberdade. Compositores: Ednei Rocha, Érico Rocha, Luana De Pilares, Nescou e Ylen Capoeira. Grêmio Recreativo Escola de Samba Difícil é o nome. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/gres-dificil-e-o-nome/samba-enredo-2014-raio-de-luz-para-os-negros-os-tambores-africanos-clamam-ao-orixas-a-liberdade>. Acesso em 28.02.2023.
- RESENDE, Aline. Conheça ‘Amina’, novo filme africano de época da Netflix! Vale a pena assistir? **Sobre sagas**, 04 nov 2021. Disponível em: <https://sobresagas.com.br/?s=Amina>. Acesso em 30.06.23.
- RESPONSÁVEIS americanas chamam “macaca de saltos altos” a Michelle Obama. **Diário de notícias**. 15 nov. 2016. Disponível em: <https://www.dn.pt/mundo/responsaveis-americanas-chamam-macaco-de-saltos-altos-a-michelle-obama-5498842.html>. Acesso em 09.03.2023.
- SERBIN, Silvia. Ana Nzinga, rainha de Angola. Em: Mata, Inocência (ed.): **A Rainha Nzinga Mbandi: História, Memória e Mito**. Lisboa: Edições Colibri, 2014. pp.157-166.
- SILVA, Daniel Neves. História do Carnaval. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br> Acesso em 02 de dezembro de 2021.
- SPANG, Kurt: Apuntes para una definición de la novela histórica. In: Kurt Spang, Ignacio Arellano, Carlos Mata (orgs.): **La novela histórica. Teoría y comentarios**. Navarra: Universidad de Navarra, 1995.
- SUPREMA JINGA - Senhora do trono Brazngola. Compositores: Márcio André, Djalma Falcão, Ito Melodia, Grassano e Jota Karlos. Grêmio Recreativo Escola de Samba Educativa Império da Tijuca. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.letras.com/grese-imperio-da-tijuca/1577492/>. Acesso em 28.02.2023.
- TAPIOCA NETO, Renato Drummond. Nandi ka Bhebhe: a vida e os desafios da mãe solteira que se tornou rainha do povo Zulu. Bahia, 2020. <https://rainhastragicas.com>. Visto em 07.01.2023.
- _____. Ranavalona I de Madagascar: a rainha destemida que os ingleses chamaram de “A cruel”! <https://rainhastragicas.com/>. Acesso em 07.01.2023.

- _____. Amina de Zaria: a história da poderosa rainha guerreira que dominou a Nigéria no século XVI! <https://rainhastragicas.com/>. Acesso em 08.01.2023.
- _____. Yaa Nana Ashantewaa: a rainha-mãe da nação Ashanti que resistiu ao imperialismo! <https://rainhastragicas.com/>. Acesso em 08.01.2023.
- TITI e Bless, filhos de Ewbank e Gagliasso são vítimas de racismo em Portugal. **Revista Marie Claire**, 31 jul. 2022. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Celebridades/noticia/2022/07/titi-e-bless-filhos-de-ewbank-e-gagliasso-sao-vitimas-de-racismo-em-portugal.html>. Acesso em 30.04.2023.
- VIEIRA, Laís. Representação e representatividade da mulher negra pela mídia no Miss Brasil. **Revista NEIAB**, Maringá, 01 jul 2019. Disponível em: <http://sites.uem.br/neiab/revista-neiab/artigo-2.pdf>. Acesso em 20 jun 2023.
- WABA, Pinado Abdu. Yaa Nana Asantewaa: a rainha guerreira de Gana. **DW- Made for minds**. 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002> Visto em 07.06.2023.
- WIESER, Doris. A Rainha Njinga No Diálogo Sulatlântico: Género, Raça e Identidade. **Iberoamericana**, vol. 17, no. 66, 2017, pp. 31– 53.
- _____. Njinga, Rainha de Angola, de Sérgio Graciano (2013): distorção filmica ou resgate histórico? In: PINHEIRO, Teresa e SARTINGEN, Kathrin (orgs.). **Tudo menos invisível: Teatro, literatura e cinema no mundo ibero-românico entre vida e arte**. Frankfurt: Peter Lang Edition, 2017. p. 85-98.

Lista de ilustrações

- Figura 1- Nzinga Mbande e o governador português, foto Comic Republic, disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/njinga-mbande-a-rainha-angolana-que-fez-frente-aos-portugueses/a-42579615>
- Figura 2- Estátua da Rainha Ginga, disponível em: <https://sol.sapo.pt/artigo/741408/rainha-ginga-a-vida-extraordinaria-da-desafiadora-do-imperio>.
- Figura 3- Nandi Ka Bhebhe, ilustrador: Eduardo Duval -MultiRio, disponível em: <https://www.google.com/search?q=Nandi+Ka+Bhebhe%2C+ilustrador%3A+Eduardo+Duval>
- Figura 4- Ranavalona I, em fotografia de obra exposta no Palácio de Andafiavaratra, em Madagascar (Foto: Philippe-Auguste Ramanankirahina/ Domínio Público)
- Figura 5- Estátua de Yaa Asantewaa, do lado de fora do museu dedicado a ela, no vilarejo de Kwaso e que sofreu um incêndio no ano 2000. Foto: Noahalorwu/ Creative Commons.
- Figura 6- Imagem da Rainha Amina do Reino Zazzau da África Ocidental disponível em: <https://www.google.com/search?q=rainha+amina+de+zazzau>
- Figura 7- Rainha Ginga, Foto: Comic Republic , disponível em: <https://www.google.com/search?q=Rainha+Ginga%2C+Foto%3A+Comic+Republic>
- Figura 8- Rainha Ginga, retrato imaginário da autoria do luso angolano Alberto Neves de Sousa (1921 – 1995), disponível em: https://www.club-k.net/index.php?option=com_content&view=article&id=50287